50.

D. PEDRO

NO

PORTO

OU

O HEROISMO DE POUCOS.

DRAMA HISTORICO EM CINCO ACTOS

ORIGINAL PORTUGUEZ

DE

RODRIGO D'AZEVEDO SOUSA DA CAMARA.

Lisboa.
Na Typographia de J. A. S. Rodrigues
RUA DA CONDEÇA N.° 19.
1841.

Vende-se na Loja de ANTONIO MARQUES DA SILVA, *na Rua Augusta N.° 2, em Lisboa.*

PERSONAGENS.

PRIMEIRO ACTO.

DIA 8 DE JULHO DE 1832.

D. PEDRO, DUQUE DE BRAGANÇA.
Commandante de Voluntarios da Rainha.
Ajudante de Campo do Imperador.
Ambrozio — Negociante do Porto.
Teixeira — Idem.
Fr. Pascoal — Franciscano.
Manoel da Silva—Sargento de Infanteria n.° 24.
Gaspar — Soldado de Infanteria n.° 24.
Ribeiro — Idem.
Antonio — Creado d'Ambrozio.
D. Carolina, mulher d'Ambrozio.
Thereza — Ovareira.
Officiaes Generaes, um Official de Marinha, Corpos do Exercito Libertador, Voluntarios da Rainha.

SEGUNDO ACTO.

DIA 9 DE JULHO DE 1832.

D. PEDRO.
Ajudante de Campo (*não falla*).
Ambrozio.
Teixeira.
Fr. Pascoal.
O Guardião dos Franciscanos.

Manoel da Silva.
Ribeiro.
Gaspar.
Antonio.
O Commandante de Realistas.
Braz } Empregados da Intendencia de Po-
Antunes } licia.
Bento — Negociante Constitucional.
Carolina.
Thereza.
Michaela — Velha Realista.
Maria — mulher do Povo Constitucional.

Membros da Alçada, Esbirros, Soldados Realistas, Divizão Ligeira com o seu Commandante, 2 Frades, Povo Constitucional, e Miguelista.

TERCEIRO ACTO.

DIA 17 DE JULHO DE 1832.

D. Pedro.
Ajudante de Campo.
Ambrozio.
Bento.
Guardião dos Franciscanos.
Thereza.
Maria.
Hum Sargento d'Ordens (*não falla*).

QUARTO ACTO.

DIA 24 DE JULHO DE 1832.

D. Pedro.
Ambrozio.

Teixeira.
Fr. Pascoal.
Guardião.
Manoel da Silva.
Bento.
Antonio.
Carolina.
Thereza.
Maria.

Estado-Maior Imperial, Povo, Exercito Libertador.

QUINTO ACTO.

DIA 14 DE OUTUBRO DE 1832.

General Commandante da Serra do Pilar.
Capitão de Infanteria n.° 6.
Hum Academico.
Ajudante de Campo do Imperador.
Ambrozio.
Teixeira.
Carolina.
Thereza.
Maria.

Soldados do 3.° Movel, Officiaes, Academicos, Artilheiros, homens de trabalho, mulheres, e um Official Miguelista, etc.

ADEVERTENCIA DO AUTHOR.

Quando lancei mão da penna para escrever este Drama — D. Pedro no Porto, ou o Heroismo de poucos — não foi porque me crêsse com forças bastantes para tractar de assumpto tão grande, mas porque, Soldado de D. Pedro, me doía o coração vendo que os feitos heroicos do Exercito Libertador ião cahindo em ingrato esquecimento, em quanto que os eximios Litteratos Portuguezes só tem parecido empenhados a abrir as Campas dos Reis de Portugal para apresentarem em Scena os defeitos da vida, aliàs carregados com o pezo do excesso. E' pois este Drama filho do Patriotismo, e não da presumpção de saber. Escripto com rapidez incrivel, para annuir ao pedido que se me fez, de certo não só levará lapsos de penna, como mesmo erros de lingoagem, mas fidelidade historica, e caridade para com os vencidos: e se assim vai, é porque tenho a certeza de que antes de subir á Scena ha de ser examinado pelo Illustrado Jury Dramatico da Cidade Eterna, a quem peço que lhe faça as correcções que lhe julgar precizas, que tudo acolherei agradecido.

Rodrigo d'Azevedo Sousa da Camara.

ACTO PRIMEIRO.

Praia do Mindello.

SCENA I.

TEIXEIRA, E AMBROZIO.

TEIX. Amigo, que triste viver é o nosso! Separados do que mais amamos no Mundo, tristes, e de continuo sobresaltados, dormindo por entre pinhaes, só para fugirmos ao cutelo do Uzurpador, manejado pela mão do Algoz! Oh! Ceos, quando veremos a Patria livre!

AMB. Confia em Deos, amigo; as couzas não podem durar assim muito mais tempo: os Povos estão cançados; e se a Providencia não mandar quanto antes em soccorro de Portugal os bravos que tem sabido defender a Ilha Terceira, é impossivel que não rebente uma revolução contra o tyranno.

TEIX. Muito facil és tu em acreditar o que é bom, Ambrozio! Pois tu não sabes que o Povo ignorante é guiado pela vontade dos Fra-

des? Não sabes que o Governo do Uzurpador o tem desmoralizado, permittindo-lhe roubos, e assassinios? Não te lembras que ainda ha pouco em Lisboa o bravo Regimento n.° 4 soltou o grito de Liberdade, e que o Povo ficou em caza, ou se sahiu foi para apedrejar os Soldados? Então como é que tu podes contar com o Povo para derrubar do Throno o Déspota, que lhe garante a impunidade de seus crimes?

Amb. Teixeira, não injuries o Povo Portuguez; isso a quem tens chamado Povo, não é mais do que canalha, e com a canalha não conto eu; em quem fundo as minhas esperanças é no Povo artista, e agricola, é na classe pensante; n'aquelle que tem que perder.

Teix. E ignoras tu que as prizões do Reino estão atulhadas desse Povo com quem contas, e que nada podes fazer? Portugal está dividido em dois partidos politicos; os Constitucionaes, ou estão em ferros, ou vagão furagidos por entre os matos e brenhas, desprovidos de todos os recursos; os Miguelistas tem o poder nas mãos, e nenhum ha que o queira virar contra si proprio. Quem ha de pois proclamar essa revolução, que a tua mente cançada de penar te pinta tão facil?

Amb. Quem? Muitos que tu crês Miguelistas, e que o não são. Em fim, tu estás hoje muito pirrhonico. Mudemos de assumpto... Não te causa admiração a demora de Thereza?

Teix. E' verdade, nunca tardou tanto como agora. (*Passeia sobre o fundo.*)

Amb. Deos queira que não tenha acontecido alguma desgraça ás nossas familias!

Teix. Socega, amigo; parece-me que ella ahi vem.

Amb. (*Indo aonde está Teixeira*)—E' verdade, é Thereza. (*Vem vindo para a bôca da Scena.*) Muito se tem arriscado esta pobre mulher para nos servir!

Teix. Se não fosse ella, que teria sido feito de nós!

SCENA II.

Os mesmos, e Thereza.

Ther. (*Entrando com uma conastra sobre a cabeça, e muito contente.*) —Vivão, meus Srs.! Já estavão zangadinhos porque eu lhes tardava, não é assim?

Amb. Verdade, verdade; como tu costumas vir mais cedo....

Ther. E'que hoje não lhes trago só roupa; mais alguma couza é; creio que hão de gostar.

Teix. Que he? que he?

Ther. Devagar, devagar, meus Senhores; bem sabem que eu não sou correio do governo; a minha mala é de contrabando, e por isso é precizo vir muito escondidinha para m'a não surripiarem. (*Pega n'um dos sócos, e com uma navalha abre a tábua, e tira uma carta.*) Ora aqui tem o Sr. Ambrozio.

Teix. E para mim que trazes?

Ther. Uma carregação de saudades, que lhe manda a sua Sr.ª: o Sr. Teixeira bem vê (*mostrando o sóco*) que aqui dentro só cabe uma carta, e como a Sr.ª D. Carolina escreveu ao Sr. Ambrozio.. ..

Amb. Meu Teixeira, socéga; tua mulher e filhos estão de boa saude.....

Teix. E Carolina não te diz mais nada?

Ther. Espere, espere, isso agora é comigo. A Sr.ª D. Carolina é muito prudente, e sabe que nem tudo se deve confiar ao papel, porque muitas vezes é chocalheiro de mais.

Amb. Então que temos de novo? Falla, falla, boa Thereza.

Ther. Nada de pressas: é uma historia tão comprida, que se a não contar pausadamente, entortar-lhe-hei o pavio, e ficarão ás escuras como d'antes.

Teix. Pois falla á tua vontade.

Ther. Bem: pois saibão que chegou ao Porto um Brigue Inglez, que trouxe noticias fresquinhas. O Senhor D. Pedro devia embarcar com o seu Exercito em S. Miguel no dia 22 de Junho. Traz uns oitenta mil homens, com muita cavallaria, e uns foguetes, que matão só com o cheiro: chamão-se foguétes de..... ha...., sim, foguetes de gréve.

Amb. Que mais? que mais?

Ther. Que! pois ainda lhes parece pouco?! Em fim, lá vai mais. A Alçada, e todos os burros estão zangados: hontem houve muita cacetada pela Cidade; fôrão ao Botequim da Rua de Santo Antonio, e quebrárão tudo. Finalmente os taes Miguelistas parece que trazem o diabo nas tripas.

Teix. E onde dizem que quer desembarcar o Senhor D. Pedro?

Ther. Isso agora he querer saber muito! Mas sempre lhe quero contar: os Caceteiros di-

zem que o desembarque ha de ter lugar na Praça das Maçaãs; mas eu fallei com certo sujeitinho constitucional, que desconfia que he perto de Villa do Conde; e tanto assim, que já para lá marchou o José Cardoso com a sua Brigada, afim de cobrir esta Costa com destacamentos: é verdade, Sr. Ambrozio, quem diabo é este José Cardoso, que enche tanto a bôca dos Miguelistas?

Amb. E' um dos melhores Generaes do Exercito usurpador.

Ther. Sim! por isso elles querem fazer delle o papão dos rapazes.

Teix. Mas Thereza diz que esta Costa vai ser coberta de tropa, e então parece-me que não ficamos bem aqui; que dizes, Ambrozio?

Amb. E' verdade.

Ther. (*Que tem ido para o fundo, e olhando para a esquerda.*) Olé! cuidado, meus Senhores, que alem vejo dois moliantes que se dirigem para aqui.

Amb. Vem tu dahi, Thereza, vamos para caza de um amigo que não fica distante.

Ther. Vamos lá; mas olhe que eu depois de aprender o caminho hei de voltar, que quero observar o que se passa.

Amb. Sim, sim.

Teix. Vamos, vamos, antes que nos vejão. (*Vão-se todos pela esquerda baixa.*)

SCENA III.

Fr. Pascoal, e Manoel da Silva.

Fr. Pasc. Bom; eis-nos já na Praia do Mindello, veremos se cumprem as minhas ordens.

Silv. Então, Reverendissimo, que lhe parecem as noticias que correm?

Fr. Pasc. Que me hão de parecer? Invenções, e as costumadas patranhas d'esses malvados malhados.

Silv. Nada, nada, a couza agora é seria: Vossa Reverendissima não ouvio ler no Quartel General do Sr. José Cardoso a ordem do Ayres Pinto?

Fr. Pasc. Então que tem isso? Que prova essa ordem? Nada mais que ser Ayres Pinto homem cautelloso. Oh! sô sargento, vossê nunca ouvio dizer que dos descuidos comem os Escrivães? Pois o Governador do Porto não quer que ninguem coma á custa dos seus descuidos: soube que os rebeldes da Ilha Terceira havião embarcado em S. Miguel, e que se dirigião contra Portugal, mandou guarnecer as praças da Costa.

Silv. Assim será, mas quanto a mim o negocio parece-me que vai a ser serio.

Fr. Pasc. Pois que venhão buscar laã, que irão tosqueados.

Silv. A fallar a verdade, não sei o que faz o Sr. Brigadeiro José Cardoso em se encafuar em Villa do Conde! Quanto a mim julgava mais acertado collocar a nossa Brigada em ordem estendida por esta praia fóra; mas como

eu sou um triste Sargento, é provavel que o que eu digo seja asneira.

Fr. Pasc. Amigo, não tenha medo: nós somos os defensores do Throno, e do Altar, e Deos ha de proteger-nos.

Silv. Sim, Sr., eu confio muito na misericordia e protecção Divina, porém receio as consequencias de um descuido. A esquadra rebelde dizem que partio de S. Miguel, faz hoje quatorze dias; e, não está mais na minha mão, não gosto de ver uma praia tão descoberta, e comprida limpa de tropa.

Fr. Pasc. E vossê a dar-lhe! Que tem que não haja por aqui tropa? Não sabe que os malhados se dirigem á Praia das maçaãs? (*Rindo*) Ah, ah, ah! — Pois fazem bem; o Sr. D. Miguel I, ElRei Nosso Senhor, lhes porá as uvas em piza. Saiba, meu Sargento, que já marchárão de Lisboa para Colares duas Brigadas de Infanteria; uma commandada pelo = valente = Telles Jordão, e a outra pelo compadre Raymundo José Pinheiro, e o que mais é, é que o nosso muito Reverendo Padre Mestre Braga vai servindo de Chefe do Estado-maior General. O Sr. Sargento bem sabe quanto valem os seus conselhos.

Silv. Em fim nós veremos. (*Ouve-se tocar uma corneta.*) Olé! lá tocão a reunir; hade ser para continuarmos a marcha para Villa do Conde. Vamos, Reverendissimo.

Fr. Pasc. Vamos lá, meu Sargento, e verá, se for precizo, como um Franciscano se bate contra a Liberdade. (*Vão-se correndo para a esquerda A.*)

SCENA IV.

THEREZA (*só*).

(*Vindo da esquerda baixa.*) Já se forão os malditos; ida fação elles todos como o fumo. Tomara já que viesse o Senhor D. PEDRO só para ver pernear duas duzias destes malvados! Mas, nada, nada; o Sr. Cura da minha aldeia, que é um verdadeiro Constitucional, está sempre a pregar-nos que o Governo do Senhor D. PEDRO é um Governo justo; que aquelle Constitucional, que é vingativo, não é Constitucional, e que todos nós devemos perdoar aos nossos semelhantes para que Deos Nosso Senhor nos perdoe a nós.... Mas elles tem feito tanto mal!... Em fim, Deos os castigará, que é Juiz recto. Vamos ver se o Sr. Ambrozio me despacha para me pôr já a andar para o Porto. — (*Reparando para a esquerda.*) Oh! ahi vem os meus Srs.

SCENA V.

THEREZA, AMBROZIO, E TEIXEIRA.

AMB. Então vistes quem elles erão?

THER. Era um Sargento de n.° 24, e Fr. Pascoal.

AMB. O perseguidor da minha familia! Malvado!

TEIX. Que faz agora esse maldito Frade?

THER. Está Capellão do Regimento de Infanteria n.° 24, e tem sido o General dos Caceteiros da Cidade.

Amb. E ha de ficar impune um semelhante monstro!

Ther. Deos lhe dará o castigo. Mas, Sr. Ambrozio, é preciso que eu vá para a Cidade; quer escrever ou não?

Amb. Sim, mas é preciso que eu vá fazer a carta, alli a caza de um cazeiro meu amigo; é alli perto; vem tu comigo.

Ther. Pois vamos lá. (*Tomão para a direita baixa.*)

SCENA VI.

Carolina, e Antonio (*vem da E. A*).

Carol. (*Apoiada a um pao, e custando-lhe a andar.*) Antonio, esta é que é a Praça do Mindello?

Ant. Sim, minha Sr.ª

Carol. Então estamos perto da pouzada do meu infeliz marido! Se eu tivesse aonde me assentar! Estou tão cançada! (*Vendo uma pedra perto dos bastidores da E.*) Oh! além está uma pedra. (*Caminha para a pedra, e senta-se.*) Já me não podia suster em pé!

Ant. E tem razão, toda a noite a andar!

Carol. Que terá acontecido em nossa caza?

Ant. A estas horas está saqueada.

Carol. Como eu pude livrar os meus caros filhinhos, mais nada me importa.

SCENA VII.

Os mesmos, Ambrozio, Teixeira, e Thereza.

Amb. (*Vem da direita baixa.*) Que vejo! a minha Carolina! (*Corre a abraça-la.*)

Carol. Querido Ambrozio! (*Abração-se.*)

Teix. Minha Irmaã!

Ant. Oh! com que tambem vossê por aqui anda, Sr.ª Thereza?

Ther. Sem tirar nem pôr.

Carol. Caro esposo, pude finalmente encontrar-te! Ha quasi seis annos que te eu não via!

Amb. Mas agora estás em meus braços... mas, oh minha querida Carolina! conta-me, conta-me o que te trouxe aqui sem me avisares! Como estão os nossos filhinhos?

Carol. Meu caro, não podes imaginar o que lá vai pela Cidade!... Que horrores!... Thereza já te ha de ter contado as noticias que vierão n'hum Brigue Inglez...

Ther. Nada me esqueceu.

Ant. Mesmo nada, Sr.ª tagarella?

Carl. Pois bem, sabe que os Caceteiros, logo que se espalhárão as noticias que trouxe o Brigue, principiárão a bater nos Constitucionaes, sem alma, dó, nem consciencia. As prizões fervêrão, apedrejárão-nos as janellas, e hontem á tardinha recebi um bilhete, escripto por mão desconhecida, em que se me dizia que o sobrinho do Intendente, furioso por eu não querer ceder a seus criminosos desejos, tinha alcançado do tio uma ordem para eu ser preza, e mais os nossos filhos....

Amb. E aonde estão elles?

Carol. Em segurança. Logo que recebi aquelle avizo, arranjei as nossas cousas de caza, e acompanhada de nossos filhos, e do bom Antonio, sahi para a rua, sem saber o que fazia,

nem tão pouco para onde dirigir os passos. Na Cidade tudo era um burburinho; lembrei-me ir para caza de teu compadre Marçal, que, apezar de ser Realista, é homem de bem, e não gosta de excessos. Como agora está morando á Victoria, desci pela Rua das Hortas, e ao voltar para a Calçada dos Clerigos eis que vejo uma multidão de homens gritando: morra, morra; quiz voltar para traz, mas já não era tempo, porque a multidão estava ao pé de mim: então vi que os morras erão contra um desgraçado, que levavão prezo; já ía todo ensanguentado, e quando passava a meu lado, um malvado Caceteiro chegou-se ao infeliz, e gritando: morre, malhado, deu-lhe duas facadas que o deitárão por terra sem dizer uma só palavra: eu, horrorizada, salpicada do sangue daquella victima da Liberdade, apressei os passos. Com que medo caminhava, ouvindo a uns e a outros: é a filha do Desembargador malhado, que está na Relação; é a mulher do Negociante Ambrozio que fugio... Oh! se me não visse logo no Largo da Cordoaria, parece-me que teria cahido desmaiada. Mas chegada a salvamento á porta do teu compadre, bati apressada, e logo me abrírão a porta. Marçal veio receber-me, porém eu estive por muito tempo sem poder dizer palavra, e desfalecida; tornada a mim, e cobrando animo, lhe contei em poucas palavras tudo que se tinha passado, pedindo-lhe um azilo para os nossos filhos; o bom homem annuio ao meu pedido com toda a boa vontade, e mesmo queria que eu tambem ficasse em sua caza; mas a tua Carolina só podia

ficar onde tu estivesses; havião muitos annos que te não via, e por isso entregando os caros penhores do nosso amor á guarda da verdadeira amizade, me dirigi para aqui, e eis-me em teus braços, meu querido Ambrozio!

THER. Pobre Sr.ª! E tu, Antonio! não te succedeu nada?

ANT. Nada, se nada é uma tremendissima bofetada que me deu um barbaças.

TEIX. Minha querida irmaã, que noticias me dás de minha mulher?

CAROL. Lá está em caza do tio Conego; o mano bem sabe, que como é muito Miguelista, todos o respeitão.

TEIX. Infeliz Sr.ª! condemnada a viver com os inimigos de seu marido!

ANT. A Sr.ª ainda não disse tudo quanto por lá vai pela Cidade. (*Reparando para a E. A.*) Mas, ó Thereza, que diabo de estafermos serão aquelles que lá vem?!

AMB. (*Indo ver*) Parecem-me dois Soldados!

THER. Sem tirar nem pôr.

TEIX. Malditos, que nunca acabão de passar!

CAROL. E se elles nos encontrão?!

AMB. Socéga, que temos onde nos esconder.

ANT. Então vamos lá, que elles já vem perto.

AMB. Vamos. (*Vão-se pela esquerda baixa.*)

THER. Eu cá por força hei de espreita-los desta vez, dê por onde dér. (*Senta-se na pedra.*)

SCENA VIII.

THEREZA, GASPAR, E RIBEIRO.

RIB. (*Vindo com Gaspar para a bôca da Scena, e descançando a arma.*) Eis-nos ainda longe da Villa do Conde como mil diabos! (*Vendo Thereza*) Olé! que fazes tu ahi, rapariga?

THER. (*Rindo*) Ah, ah, ah, pois tu não vês?

GASP. D'onde vens?

THER. (*Fingindo-se parva*) Eu não venho, estou sentada.

RIB. Para onde vais?

THER. Eu não vou, estou sentada.

GASP. Parece-me malicia.

THER. Não sou malicia, não Sr.

RIB. Que te leve o diabo, doida.

THER. Eu não quero que o diabo me leve, quero que leve o Sr. Soldado.

RIB. (*Fazendo acção de lhe querer bater.*) Olha que se és atrevida.... (*Gaspar o detém.*)

GASP. Oh homem! queres bater n'uma doida? Deixa a mulher.

RIB. Em fim.... E' verdade! que te parece o da rebeca? Que leve o diabo tantas marchas, e contramarchas: e para que! Para nada.

GASP. Para nada? Oh maldito! Se não fossem as marchas, e contramarchas poderiamos roubar a salvamento?

THER. (*A' parte*) Que Santinhos! Má peste os mate.

Rib. Isso lá é verdade; mas o peior é que os malditos lavradores vão tendo juizo, já se lhes não encontra nada.

Gasp. Qual historia! ainda hontem furtei eu trinta peças em ouro a um botarras.

Ther. (*A' parte*) Deixa estar que as has de pagar bem caras.

Rib. E que lhes fizeste?

Gasp. Que lhes fiz? Ora essa é boa: dei vinte ao nosso Coronel, seis ao nosso Capitão, e perdi o resto ao jogo. Tu bem sabes que se não repartimos com elles, não nos deixão roubar, e que se por desgraça sabem que furtamos alguma gallinha, o menos que isso nos custa são cincoenta varadas.

Ther. (*A' parte*) Aquillo agora é verdade. Tão bons são uns como os outros.

Rib. Os nossos Officiaes são bons pingas! Só elles não repartem comnosco dos roubos que fazem.

Ther. (*A' parte*) Estão-me dando tentações de me ir a elles, e esgana-los!

Gasp. Ora tu não tens razão para fallares assim; ha dias que o nosso Capitão Barbaças roubou um conto de réis a um malhado, e deu-me dois cruzios.

Rib. (*Rindo*) Ah, ah, ah! furtou um conto, e deu-te dois cruzios! Ah, ah, ah! deixa-me rir.

Gasp. De que diabo te ris tu?

Rib. Pois não me hei de rir da generosidade do nosso Capitão! (*Rindo*) Ah, ah, ah! anda tu d'ahi, que se faz tarde; vamos, vamos para Villa do Conde. (*Vão-se pela direita alta.*)

SCENA IX.

THEREZA (*só*).

(*Vendo-os sahir*) Caspite! que dois defensores de throno e do altar! E o mais é que quasi todos elles são assim: roubão, e matão em louvor do throno e do altar! Canalha!

SCENA X.

THEREZA E ANTONIO.

ANT. (*Entrando*) Boa Thereza, cuidei que te havias safado.

THER. Qual carapuça: estive-me regalando de ouvir conversar dois santinhos, dois defensores do throno e do altar.

ANT. Sim!

THER. Fingi-me parva, e inspirei-lhes confiança.

ANT. E que disserão elles?

THER. Fallárão das suas ligeiresas de mão. (*Passeia sobre o fundo*) Aonde estão os Srs.?

ANT. (*Indo tambem para o fundo*) Já vem. (*Reparando muito para a direita alta*) Que diabo é aquillo que lá vem no mar?

THER. (*Virando-se para onde elle está.*) O que?

ANT. Pois tu não vês?!

THER. Tantos navios!

ANT. Forte pena não ter aqui um oculo.

THER. E' verdade!

ANT. Se fossem elles!

THER. Quem?

ANT. Os Constitucionaes.

THER. Pode ser.

ANT. Espera, espera: olha para a Bandeira daquelle Cutter, que vem adiante de todos os navios; parece-me....

THER. (*Com muita alegria batendo as palmas*) E' azul, e branca! é azul, e branca!

ANT. Que dizes? Pois será....

THER. (*Muito enthusiasmada*) E', é; é a Esquadra do Senhor D. PEDRO. Viva o Senhor D. PEDRO! Viva o Senhor D. PEDRO!

ANT. Oh! mulher, cala-te por piedade, olha que nos pode estar ouvindo algum diabo.

THER. E que medo posso eu ter dos diabos, quando ahi vem o Anjo Libertador?

SCENA XI.

OS MESMOS, AMBROZIO, TEIXEIRA, E CAROLINA (*que vem apressados da E. B.*)

AMB. (*Entrando*) Que algazarra he esta?

TEIX. Que ha de novo?

THER. Venhão ver, venhão ver.

CAROL. O que? (*Correndo todos para onde está Thereza.*)

THER. A Esquadra do Senhor D. PEDRO. (*Passa atravessando o F. da Scena, e com rapidez, um Cutter com uma grande Bandeira azul e branca, no topo do mastro.*) Como é bonito!

AMB. Oh! meu Deos, faz com que a Patria seja livre dos monstros que a opprimem!

ANT. Os navios derão fundo.

Ther. Olhem, olhem, lá vai uma lancha em direitura a Villa do Conde!

Teix. A Villa do Conde! Lá está o José Cardoso!

Amb. Parece que se preparão para desembarque.

Ther. O' Sr.ª D. Carolina, não vê tanto Soldado nos navios!

Carol. Vejo, sim!

Ther. Olhem, olhem, lá agarrou aquelle Vapor dois barcos de pescadores.

Todos. E' verdade.

Ant. A lancha volta para bordo.

Carol. Como corre!

Amb. Que será? (*Passa o Brigue Liberal da D. para a E.*)

Teix. Que bello Brigue!

Ther. Lá abordou a lancha á Fragata: olhe, Sr.ª D. Carolina, não vê subir um homem com umas cousas nos hombros, que luzem muito?

Carol. Vejo, sim.

Ant. Lá arreião os escaléres. (*Sente-se um tiro para a esquerda, e todos olhão.*)

Amb. Que será? (*Outro tiro, e outro, etc.*)

Ther. E' o Brigue, que está fazendo fogo sobre o Piquete de Cavallaria da Policia que está no Pinhal. Lá fogem, lá fogem. Parecem um bando de pardaes a fugirem da matraca. (*A Esquadra salva com 21 tiros.*)

Teix. A Fragata arvorou Pavilhão Real; não tem duvida que o Senhor D. Pedro tambem vem.

Amb. Principia o desembarque.

Carol. O' meu Ambrozio, vamos nós indo

para o Porto, afim de vermos se podemos soltar meu Pai e os nossos amigos?

Ther. Vamos lá, que eu quero fazer o mesmo aos Miguelistas, que a Padeira d'Aljubarrota fez aos Castelhanos; tambem tenho uma pá que não quebra, e braço desembaraçado.

Carol. Então, meu caro, vamos?

Amb. Pois sim.

Teix. E se encontrarmos forças pelo caminho?

Amb. Eu conheço bons atalhos.

Ther. Vamos, vamos. (*Vão-se.*)

SCENA. XII.

(*Aborda á terra um escalér, salta delle um Official de Marinha em grande uniforme, trazendo arvorada uma grande Bandeira azul e branca. Logo que está em terra dirige-se para o centro dos bastidores esquerdos, e crava a aste da Bandeira no chão, desembainha a espada, e com ella erguida, colloca-se de guarda á Bandeira. Começão a chegar diversos escaleres, d'onde saltão Soldados e Officiaes em grande uniforme dos diversos Corpos do Exercito, que correm para a direita, para onde se figura prolongada a Praia: sentem-se diversos toques de cornetas. O Batalhão de Voluntarios da Rainha forma em columna sobre o lado direito com a frente para a Bandeira, vendo-se só dois pelotões ou tres, etc. Chega a terra um grande escaler, e desembarca* D. Pedro *com o seu* Estado maior *e* Generaes.)

D. Ped. (*Logo que chega a terra, ajoelha*

e beija-a.) Oh! terra da minha Patria, recebe esta minha primeira prova de respeito e amor! (*Levanta-se, vai direito á Bandeira, pega nella, e dirige-se ao Batalhão de Voluntarios.*)

O Com. dos Vol. (*Vendo vir para elle o Imperador*) Batalhão, sentido. Hombro—armas.

D. Ped. (*Na frente do Batalhão*) Mande descançar.

Com. de Vol. Batalhão, descan-çar—armas.

D. Ped. Srs. Voluntarios!—Vossos feitos heroicos da Villa da Praia em defeza da Liberdade, e da Vossa Augusta Rainha, muito minha amada e prezada Filha, estão por tal modo gravados no meu coração, que o meu maior desejo, agora que o Todo Pederoso nos permittiu que pizassemos terra da nossa Patria, é o de vos dar um testemunho publico da minha eterna gratidão. Senhores Voluntarios, esta Bandeira da Liberdade, primeira que hoje foi arvorada no continente do Reino, em vossas mãos a deposito, certo de que, por vós defendida, será sempre o Estandarte da Victoria. (*Entrega a Bandeira ao Commandante do Batalhão.*)

Com. de Vol. (*Com a Bandeira na mão.*) Senhor! Em nome do Batalhão que tanto honrais, e que eu tenho a gloria de commandar, vos juro que jámais tereis occazião de vos arrependerdes de haver confiado a guarda deste precioso dom ao seu valor. A Europa inteira, recordando-se do dia 11 de Agosto, já olha com admiração para estes jovens e bravos Soldados, ambicionando a gloria de lhes haver dado o berço: d'ora em diante, guiados por Vossa Magestade Imperial, famoso Capitão do Seculo

XIX, marcharão, a par do Exercito Libertador, de victoria em victoria, até haverem libertado a Patria, e assentado no Throno a Vossa Augusta Filha, e nossa Rainha a Senhora D. Maria II. (*Virando-se para o Batalhão*) Cidadãos Soldados! Viva a Liberdade! Viva a Senhora D. Maria II! Viva o Senhor D. Pedro, Duque de Bragança! (*Todos repetem os vivas, e o Commandante entrega a Bandeira ao primeiro Soldado da direita, que deve ser alto, e grosso, e com grandes barbas brancas.*)

D. Ped. (*Com o chapeo na mão.*) Viva o Exercito Libertador! (*Todos repetem os vivas. Tocão musicas.*)

Aj. de C. (*Chegando-se ao Imperador.*) Senhor! Um dos nossos espias voltou dizendo que em Leça está uma Brigada rebelde.

D. Ped. Sim! Pois vá chamar os Commandantes das Divizões. (*O Ajudante parte para a D.*) Dentro em pouco receberão o premio da traição. Se depozerem as armas, e arrependidos buscarem o meu perdão, encontrarão em mim um Pai carinhoso e tão clemente, como justiceiro em puni-los, se presistirem no crime. (*Entrão os Commandantes das Divizões, e dirigindo-se ao Commandante da Divizão Ligeira.*) Dizem que em Leça está uma Brigada rebelde: Sr. Commandante da Divizão Ligeira, marche sobre aquelle ponto, e dê uma lição áquelles meninos. (*O Commandante da Divizão Ligeira corre para a D., e sentem-se toques de corneta.*) As mais Divizões seguem-me, Amigos, ao Porto, ao Porto. (*Cahe o panno.*)

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO SEGUNDO.

DIA 9 DE JULHO DE 1832.

Praça Nova da Cidade do Porto, no fundo o Palacio da Camara Municipal.

SCENA I.

MICHAELA, BRAZ, ANTUNES, POVO *de ambos os sexos com distinctivos de Miguelistas.*

MICH. Mestre Braz, não me dirá que reboliço houve esta noute pela Cidade? Senti tanta gente pelas ruas, e tantas falacias!

BRAZ. O que havia de ser! Como dizem que os malhados desembarcárão na Praia do Mindello, muitos dos nossos amigos tem fugido da Cidade.

MICH. Porque, os malhados entrão cá dentro? Ora dessa os livrarei eu. Temos cá muitos bons Realistas para lhes embargar o passo. E' verdade, e que fazem os Senhores do Governo?

ANTUN. Mandárão recado ao José Cardoso,

para que viesse para a Cidade. Pouco deve tardar.

Mich. Bom.

Braz. Tu dizes bom, e a mim vai-me cheirando a máu.

Mich. Que é isso, mestre Braz, pois vossê perde o animo?!

Braz. Não: mas, desde hontem que se me metteu em cabeça fazer exame de consciencia, e tenho-me recordado de cousas que me fazem recear bastante, se por desgraça os malhados entrarem na Cidade.

Mich. E que fez o Mestre Braz, que não devesse fazer um verdadeiro defensor do throno do Senhor D. Miguel Primeiro, ElRei nosso Senhor? Jurou na devassa contra o Pedreiro livre do Gravito, porque o sobrinho do Intendente lhe pediu, e mais o bom religioso Frei Pascoal; jurou contra os negociantes Ambrozio, e Texeira, e contra o Pai da malhada D. Carolina. E não jurou vossê a verdade? Jurou; então que pode recear?

Antun. Se elle tivesse jurado a verdade, era mau nestas circunstancias, mas se elle foi testemunha falça, como não queres tu, velha Michaela, que elle não esteja com medo. Fizesse como eu, que nunca quiz ser testemunha.

Mich. Mas induzia os outros para que o fossem. Aposto que já se esqueceu que me pediu que eu fosse jurar na devassa grande?

Braz. Lá o Senhor Antunes, como era padagogo do Intendente, mettia os cães na vinha, e ficava de fóra: mas não tem duvida, eu tambem não lhe quero estar na pelle.

Antun. Que estão vossês ahi a alansuar? Quem é que lhes disse que os malhados, meia duzia de gatos, havião de entrar na Cidade. Ora não sejão tolos.

Braz. Com que então o Sr. Antunes está persuadido que os malhados que saltárão no Mindello, são meia duzia de gatos?

Mich. Porque, são muitos?

Braz. Mais de oitenta mil.

Mich. Santo Breve do Marca!... Que será de mim! (*Sente-se musica Realista.*)

Antun. Que musica será esta!

Braz. Ha de ser o Batalhão de Realistas que teve ordem de vir para a Praça nova.

Mich. Vamos ver. (*Correm para o fundo, e olhão para a E. A.*)

SCENA II.

Os mesmos, o Commandante de Realistas, e o Batalhão (*que forma em columna no fundo.*)

Com. (*Vindo para a bôca da Scena.*) Ordenárão-me que viesse para esta Praça; aqui me tem.

Antun. V. S.ª faz favor de me dizer se o Batalhão se demora aqui muito tempo?

Com. Até receber ordem contraria.

Mich. (*Correndo para a bôca da Scena.*) Ahi vem, ahi vem a Alçada.

Com. A Alçada!

Mich. Sim Sr., e muita gente.

SCENA III.

Os mesmos, a Alçada, Esbirros, e Povo.

Prez. (*Ao Commandante do Batalhão*) Então, Sr. Coronel, que tem determinado?

Com. Sr. Prezidente da Alçada, muito me maravilha ve-lo aqui, em lugar de estar occupando a cadeira que lhe confiou ElRei nosso Senhor, o Senhor D. Miguel Primeiro! Só sabia mandar em tempos de paz? De que serve o medo? Não tem á sua disposição todos os meios possiveis para rechaçar qualquer ataque? Não tem os cofres publicos para fazer todas as despezas necessarias?

Prez. Os cofres publicos não tem um só real, e não ha com que armar Batalhões de voluntarios; tem havido tantas occurrencias.

Com. E os quarenta contos de réis que vierão hontem da Capital, que foi feito delles?

Prez. Forão empregados em descobrir todas as maquinações dos nossos inimigos.

Com. Pois saiba que não darei um só passo d'aqui, sem que primeiro me mande entregar oito contos de réis. (*Os Soldados vão desapparecendo um a um.*)

Prez. Não sabe que na auzencia do Governador son eu quem manda nesta Cidade?

Com. Tambem eu o posso mandar fuzilar, e mais aos seus companheiros. (*Os Soldados tem-se retirado todos.*)

Prez. Para isso era precizo que tivesse Soldados; olhe, Sr. Coronel, nem um só lhe resta.

Com. (*Olhando para onde estava o Batalhão.*) Maldição. (*Sahe correndo pela esquerda alta, e o Povo mormura.*)

SCENA IV.

Os mesmos, menos o Commandante e o Batalhão.

Braz. Os Soldados fugírão, e nós o que havemos de fazer?

Mich. Fugirmos tambem. (*O Povo faz sussurro.*)

Prez. Haja socego, haja socego. Se a Alçada de Sua Magestade o Senhor D. Miguel Primeiro se retira desta Cidade, não é porque tenha medo. Nós vamos para Villa nova de Gaia, afim de deliberarmos de lá, o que mais convem fazer a bem do throno, e do altar. Amigos, confiai na nossa protecção, e se acaso os rebeldes entrarem na Cidade, o que não conto, porque a Brigada de José Cardoso a estas horas já os deve ter destroçado a todos, se comtudo elles entrarem, bem depressa pagarão o seu arrojo, porque o nosso amado, e legitimo Rei voará á frente do seu grande exercito para os punir. (*Chega uma ordenança, e entrega uma Carta ao Prezidente.*) E' de Matozinhos. (*Abre e lê*) Exmo Sr. Os rebeldes já vem em marcha, e o Brigadeiro José Cardoso está em Villa do Conde sem poder manobrar. (*Interrompendo-se, e guardando a Carta.*) Em fim não ha remedio; é necessario que fujamos. Que todas as cavalgaduras que

ha na Cidade passem para Villa nova, e logo que tenhamos passado a ponte que se soltem as Barcas. Olá, vão dizer ao Carcereiro da Relação que feixe bem as portas, e que traga as chaves. (*Um Esbirro sahe correndo.*) Fujamos, amigos, vamos-nos juntar ás forças fieis, que estão em Coimbra. O Sr. Governador Ayres Pinto, muitas authoridades e pessoas compromettidas já lá vão indo adiante. Fujamos.

Povo. Fujamos, fujamos. (*Sahem todos correndo pela Esquerda baixa.*)

SCENA V.

THEREZA, CAROLINA, AMBROZIO, TEIXEIRA, E ANTONIO.

AMB. Eis-nos chegados á Praça Nova. (*Olhando para a direita*) Além está ainda o signal da forca, em que forão sacrificados os Martyres da Patria. Infelizes Concidadãos! qual será o coração tão deshumano que deixe de chorar-vos! Minha esposa, amigos, oremos pelos nossos Irmãos. (*Todos ajoelhão com o mais profundo respeito: orão e levantão-se logo.*)

THER. O' Sr. Ambrozio, eu sou mulher, mas juro na prezença do lugar em que padeceu a innocencia, que jámais perdoarei aos seus verdugos.

CAROL. Thereza, lembra-te que Deos quer que sejamos clementes mesmo para com os culpados.

THER. Mas, Senhor....

TEIX. Minha irmaã tem razão, e de mais

nós somos Constitucionaes, e não nos devemos parecer com os Miguelistas.

Amb. Muito me admiro de não ter encontrado ninguem.

Ant. Como ainda he sêdo....

Teix. Qual sêdo! Tu pareces-me tonto! Não vês que já derão dez horas e meia?

Carol. E que terá sido feito de meu pai!

Amb. Socega, minha vida, Deos ha de ter protegido os seus dias. (*Muita bulha do lado direito.*)

Carol. Que bulha será esta!

Ant. São vivas!

Ther. (*Chegando-se para a direita.*) Não tem duvida é a nossa gente.

SCENA VI.

Os mesmos, Maria, Bento, e Povo Constitucional armado de chuços, paos, etc.

Mar. (*Entrando primeira e vendo Thereza*) Tu por aqui, Thereza! Não me dirás o que é feito dos Miguelistas? Já derão ás de Villa Diogo?

Bent. (*Entrando*) Que vejo! O Sr. Ambrozio, e o Sr Teixeira! (*Corre a abraça-los*) Muito folgo de os ver livres!

Amb. Sim, amigos, a Providencia foi prodiga comnosco, livrando-nos dos tyrannos que tem opprimido a nossa Patria.

Teix. Não me dirá, Sr. Bento, o que é feito da gente da Cidade? Não temos encontrado pessoa alguma!

Bent. Dizem que os Miguelistas fugírão todos para Villa Nova, e os Constitucionaes, como ou andão fugidos, ou estão prezos, na Cidade só ha Senhoras, e essas tem medo de apparecerem. (*Thereza sahe correndo pela direita.*) Mas aonde tem estado os Srs. até agora?

Amb. Ao pé da Praia do Mindello.

Mar. Sim! então devem saber se é verdade que desembarcou o Senhor D. Pedro?

Amb. Nós vimos fundear a Esquadra, arvorar o Estandarte Real, e principiar o desembarque, mas como a minha Carolina quiz vir quanto antes para a Cidade, a fim de ver se conseguia livrar seu Pai, não pudemos saber se com effeito vem tambem o Senhor D. Pedro. (*Thereza apparece trazendo uma grande pá de forno.*)

Carol. Desembarcou, desembarcou: ó meu querido Ambrozio, não te lembras do que disse o Pescador, que encontramos no caminho?

Bent. Em fim, seja o que for; toca ao que serve: vamos nós soltar os prezos?

Povo. Vamos, vamos.

Bent. Pois vamos lá. (*Vão-se, correndo pela D. B.*)

Carol. Oh! meu Deos, permitte que eu possa libertar meu pai!

SCENA VII.

Ribeiro, e Gaspar (*vem da D. A.*)

Gasp. Então, Ribeiro, que te parece o da rebeca?

Rib. Que me ha de parecer? Que mudamos de Quartel antes de tempo.

Gasp. O nosso Brigadeiro lá vaí indo para Penafiel, e bom foi que nos mandasse á Cidade pelo resto da sua bagagem, pois eu tambem quero arranjar os meus negocios.

Rib. Sim, esta Commissão foi de pechincha; mas, parece-me, que quando vinhamos a Santo Ildefonso, ouvi vivas! Dos nossos não podião ser, porque, aonde irão elles a estas horas! Não gosto muito da graça.

Gasp. Dar-se-ha caso que os malhados já tenhão levantado a grimpa?!

Rib. Talvez! (*Reparando para a D. B.*) Oh! ahi vem o nosso Sargento Silva! pode ser que elle nos diga alguma cousa.

SCENA VIII.

Os mesmos, e Manoel da Silva.

Silv. (*Vindo da D. A.*) Vivão, meus Camaradas; vossês aqui tão panrias, e o Povo alvoratado?!

Rib. Então que novidades ha? Nós chegamos agora á Cidade.

Silv. Os malhados levantárão a grimpa; a Alçada, e mais governança já lá vai pelo Alto da Bandeira fora, e soltárão as barcas da Ponte, para não poderem ser seguidos.

Gasp. Então que quer dizer isto?

Silv. Quer dizer que fogem dos Pedreiros Livres, que desembarcárão hontem no Mindello. (*Ouvem-se vivas á Liberdade.*) Em!.. parece-

me que vem para aqui! O caso vai-se tornando sério!

SCENA IX.

Os mesmos, e Fr. Pascoal.

Pasc. (*Entra correndo, e de habitos arregaçados*) Fujamos, fujamos, amigos.

Silva. Olé! pois Vossa Reverendissima, que ainda hontem me disse — verá como um Franciscano se bate contra a Liberdade — quer agora que fujamos! Que é isto, Reverendissimo?

Fr. Pasc. (*Muito assustado.*) Que ha de ser? Recordei-me do Evangelho, que prohibe que os ministros da Igreja peguem em ferro para derramarem o sangue do proximo.

Silva. Olé! pois só agora é que o Reverendissimo se lembrou do preceito do Evangelho!

Rib. O' Sr. Padre Capellão, não se mostre fraco: lembre-se que pertence ao bravo Regimento d'Infanteria n.° 24.

Fr. Pasc. Sim, mas tambem me lembro de que tenho pélle e osso, e que me podem dar cabo d'uma, e outra cousa. (*Ouvem-se vivas.*) Ai! Jesus, Senhor Deos de Misericordia! O que lá vai! o que lá vai! Vossês não sabem, meus Camaradinhas? Os malhados, capitaneados pelo brejeiro do Bento, forão á Cadeia da Relação, arrombárão as portas, soltárão os prezos! (*com muita pena*) e matárão o meu grande amigo João Branco!

Todos. — O Carrasco?!

Fr. Pasc. O executor d'alta justiça, aquelle santo homem que nos veio de Lisboa. Mal-

vados, dárem a morte a um ente tão util á Sociedade! (*Sentem-se quebrarem-se vidraças.*)

Silva. O que lá vai!

Gasp. (*Que tem estado observando sobre a E. A.*) Lá quebrárão as janellas do Intendente!

Fr. Pasc. E' o que eu digo, estão com o diabo no corpo.

Rib. E para que os não benze Vossa Reverendissima, para que o diabo fuja?

Fr. Pasc. Que! eu benze-los! Nada, nada, antes quero amaldiçoa-los.

Silva. Cautela, que o tumulto vem para este lado. (*Os vivas ouvem-se mais perto.*)

Fr. Pasc. Vamos alli para caza da Tia Francisca, que lá deve estar esperando por mim o meu Padre Guardião.

Silva. E talvez que de lá possamos observar alguma cousa. A Tia Francisca é de confiança. (*Os vivas ouvem-se mais perto.*)

Fr. Pasc. De toda: é uma perfeita beáta.

Silva. Então vamos lá. (*Entrão n'uma casa á esquerda.*)

SCENA X.

Bento, Maria, Thereza (*armada de pá*), Povo (*armado.*)

Ther. Então, amigos, a cousa vai indo de victoria em victoria, não é verdade?

Mar. Só tu á tua parte déste tão forte pazada n'aquelle malvado do Barbeiro Braz, que o estendeste logo por terra sem piar.

Ther. Era uma das testemunhas que jurou

contra meus āmos! Quem eu queria pilhar era o tal Fradinho, o tal Reverendo Fr. Pascoal; mas quem ha de pôr-lhe a vista em cima? Hontem o vi eu passar pela Praia do Mindello quando ia para Villa do Conde.

Bent. Em fim, boas raparigas, o dia vai estando bom! já soltamos os prezos, o Carrasco lá fica esperneando, e.....

Mar. Ainda não fizemos tudo quanto ha que fazer. E' verdade que eu fui a que primeiro atirei uma pedrada ás janellas do Intendente, mas desgraçadamente só bati nos vidros. Aonde se encafuarião os Miguelistas! Quem me dera agarrar um, quando mais não fosse, para lhe arrancar as barbas.

Bent. Bem tolos erão elles que esperassem pela paga dos seus serviços! tó que te damnas! Lá vão fazendo o cortejo á Alçada.

Ther. Deixemo-nos de historias; vamos nós esperar o Senhor D. Pedro ao Carvalhido?

Todos. Vamos, vamos. (*Vai-se tudo pela E. A. correndo.*)

SCENA XI.

Silva, Fr. Pascoal, Ribeiro, Gaspar, o Guardião dos Franciscanos, e dois Frades.

Fr. Pasc. (*Espreitando á porta.*) Oh! já se forão! Bom. Meus amigos, podemos sahir. (*Sahem todos para a Scena.*)

Guard. Bom será que os Srs. Camaradas vigiem que não venha alguem.

Silva. Descance Vossa Reverendissima, que nós estamos á lerta.

Guard. Quanto mais melhor; em quanto conversarmos, Fr. Francisco, e Fr. Antonio que passeem pela Praça, para nos darem aviso ao menor ruído que sintão. (*Os Frades executão as ordens do Guardião.*)

Fr. Pasc. Bom, é preciso mettermos mãos á obra.

Silva. Sim, meu Capellão, diga Vossa Reverendissima o que é mister que façamos.

Fr. Pasc. Ribeiro e Gaspar que se mettão já a caminho, que vão ter com o nosso Brigadeiro, e que lhe contem o que se passa.

Gasp. Isso é magnifico, porém a bagagem do nosso Brigadeiro?

Rib. O' diabo! pois tu não sabes que é impossivel sahirmos com ella da Cidade?

Gasp. E elle ha de perde-la?

Fr. Pasc. Que tem lá isso? O nosso Brigadeiro, desde Penafiel até Coimbra, passa por muitas cazas de malhados; pois que se indemnize.

Gasp. E' verdade, é verdade.

Rib. Este nosso Padre Capellão vale um reino!

Fr. Pasc. Não se esqueção de dizer que eu não vou para o Regimento, porque me acho encarregado de uma missão importante.

Gasp. Fique descançado.

Fr. Pasc. A caminho, e que Deos os ajude.

Guard. E eu os abençoo. (*Os Soldados vão-se pela D. B.*)

Fr. Pasc. Quanto a vossê, Sargento Silva,

fica disfarçado na Cidade, para promover a deserção dos Soldados de D. Pedro, ajudado pelo nosso amigo o Tendeiro de Villar, e para nos avisar de tudo o que por cá se passar: não se esqueça de que a mulher do Commissario é que ha de passar os avisos para Villa Nova, quando alli estiverem as nossas forças, porque o marido lá ha de estar tambem.

Silv. E Vossa Reverendissima o que faz?

Guard. Vai de minha ordem fallar com o muito alto, e poderoso Rei, o Senhor D. Miguel I; e para que se não esqueça do que lhe disse, eu lho repito.

Fr. Pasc. Fique Vossa Reverendissima descançado que me não esqueço.

Guard. Não importa, oiça.

Fr. Pasc. Obediente.

Guard. Dirá a Sua Magestade, El-Rei nosso Senhor, que deve chamar as tropas de D. Pedro a um combate, por exemplo, em Ponte Ferreira, aproveitando-se da primeira sortida que fizerem sobre Valongo; que deve empenhar neste combate, pelo menos, vinte mil homens das suas melhores tropas. Se porém a nossa desgraça permittir, o que não espero, que D. Pedro vença, eu, ajudado de alguns amigos, espalharei um alarme na Cidade, que faça com que o Exercito de D. Pedro recolha a ella immediatamente; e como é natural que os Soldados venhão cançados, hão de deitar-se logo a dormir, então eu e mais os nossos Frades lançaremos, pela alta noite, fogo aos quatro angulos do Convento, e morrerão os Soldados que lá estiverem aquartelados.

Silv. Que optimo plano.

Guard. Dirá mais que se deve apoderar de Villa Nova, Serra do Pilar, e Castello de Gaia quanto antes, e que bom seria que tudo isso se fizesse no dia 8 de Setembro, por ser o de nossa Senhora da Luz, afim de que ella esclareça a nossa victoria. Tomada Villa Nova, embora se não possão apoderar da Serra, devem estabelecer uma Bateria no Pinhal, e outra no Castello de Gaia, que deve ser de morteiros para bombear a Cidade, e eu, quando D. Pedro á noute estiver em caza, farei pôr signaes com luzes, para que possão dirigir as bombas sobre elle. (*Sente-se musica*) Que musica será esta! (*Silva corre a ver para a E. A.*) Dar-se-ha caso que D. Pedro já tenha entrado na Cidade?!

Fr. Pasc. Não pode ser. (*A musica ouve-se muito perto.*)

Silv. (*Correndo*) São os malhados, são os malhados!

Guard. Fr. Pascoal, não se esqueça do que lhe tenho dito, e faça boa jornada.

Fr. Pasc. Padre Mestre Guardião, queira deitar-me a sua benção. (*O Guardião abençoa-o*) Deos fique em sua companhia. (*Vai-se pela D. B.*)

Guard. Sargento Silva, venha para o Convento. Fr. Francisco, e Fr. Antonio, venhão d'ahi. (*Vão-se pela esquerda B.*)

SCENA XII.

O Commandante da Divizão Ligeira, a Divizão, muito Povo, D. Pedro, e seu Estado Maior.

A Divizão vem da E. A. e faz alto em columna com a frente para a platea, e sobre o fundo.

Povo. (*Vendo entrar* D. Pedro) Viva o Senhor D. Pedro! Viva o Senhor D. Pedro!

D. Ped. Soldados! As necessidades da Nação nos tem trazido com mão armada a terras da nossa Patria. A Invicta Cidade do Porto já está em nosso poder, a nossa honra nos impõe o dever de vencermos, ou morrer. As mais antigas Leis do Reino, os pactos feitos entre os Reis meus Avós, e o Povo, garantem a cada Portuguez o direito de levantar-se contra o despotismo, e o nosso passo está justificado de mais. E' publico o estado de ignominia em que tem cahido o nome Portuguez para com as outras nações; é publica a perfidia, e a desmoralisação do Governo do Usurpador; e todos nós choramos ainda as desgraças, e as perseguições, que tem causado tantas victimas. A medida do soffrimento chegou ao seu cumulo; a Nação reclama o nosso soccorro; somos as suas esperanças, e só o vosso valor poderá arranca-la da oppressão em que geme. Soldados! a empreza

é digna de vós, e a victoria ha de coroar-vos, se juntardes ao vosso valor o respeito ás Leis da disciplina, e da humanidade. Soldados! Viva a Patria! Viva a Liberdade!

TODOS. Viva! Viva!

(*Pano abaixo.*)

FIM DO SEGUNDO ACTO.

ACTO TERCEIRO.

DIA 22 DE JULHO DE 1832.

Sala magnifica no Palacio da Torre da Marca residencia de D. PEDRO. *Uma grande mesa no fundo com cadeiras dos lados, e uma na cabeceira superior.*

SCENA I.

AJUDANTE DE CAMPO (*só*).

AJ. DE C. (*Vem da D., vai á mesa, toca uma campainha, e apparece um Sargento de ordens: ao Sargento.*) Sargento, mande por uma Ordenança este Officio ao Guardião dos Franciscanos. (*O Sargento retira-se.*) Malditos Frades, que não acabão de nos incommodarem! Oh! que me ía esquecendo do que me disse o Imperador. (*Vai á mesa, senta-se, e escreve, fecha a Carta, toca a campainha, e entra o mesmo Sargento.*) Está ahi mais alguma Ordenança? (*O Sargento faz signal que sim.*) Que leve já, e já esta Carta á rua do Almada n.° 71. (*O Sargento pega na Carta, e vai-se.*) Que quererá

o Imperador a Ambrozio? Em fim seja o que for.

SCENA II.

O Ajudante de Campo, e D. Pedro.

D. Ped. (*Entrando.*) Oh! está aqui! Diga-me: já escreveu ao Ambrozio?

Aj. de C. Sim, Senhor.

D. Ped. Bem, bem. Vá ao Quartel General, e diga que avizem os Commandantes das Divizões para Conselho hoje ás 5 horas da tarde. (*O Ajudante de Campo vai a sahir.*) Espere, espere; diga tambem que officiem á Camara Municipal para que mande ámanhaã mais gente para as faxinas; que todos trabalhem, que o mesmo faço eu. (*O Ajudante vai pela porta da esquerda.*)

SCENA III.

D. Pedro (*só*).

D. Ped. Ha doze dias que me acho no Porto, e ainda nada temos feito; isto assim não vai bem, é preciso principiarmos a operar. Muito desejo fallar com o tal Ambrozio; sim, elle é que me pode dar as informações que preciso. (*Passeando.*) Se consigo apoderar-me de Coimbra.. Em fim veremos o que nos convem mais. (*Toca a compainha e entra o Sargento.*) Sargento, diga a quem estiver fora para me fallar, que entre. (*O Sargento vai-se: o Imperador examina os differentes papeis que estão sobre a mesa.*)

SCENA IV.

D. Pedro, Bento, Maria, e Thereza.

Ther. (*Entrando com muito acanhamento*) Vossa Magestade dá licença?

D. Ped. (*Virando-se*) Oh! boa rapariga, que me queres tu? Quem és?

Ther. Eu sou Thereza Maria, e queria ter o gosto de beijar a mão de Vossa Magestade.

D. Ped. Eu não dou a minha mão a beijar: espera, espera que a Rainha venha ao Porto, e então lhe beijarás a mão. Não queres mais nada?

Ther. Não, Real Senhor.

Bent. (*Entrando e Maria*) Senhor, eis-me aqui ás Ordens de V. Magestade Imperial.

D. Ped. Muito folgo de o ver, Sr. Bento, pois todos me tem dito que foi quem á testa do Povo quebrou os ferros que encarceravão os subditos fieis da Rainha. Eu já disse ao Ministro do Reino que o tinha agraciado com o Habito de Christo . . .

Bent. Mas Senhor . . .

D. Ped. O que? o que? parece-lhe pouco? . .

Bent. Não, Senhor, mas é que eu não sou muito affeiçoado a Habitos, e o que fiz em beneficio de meus concidadãos, foi nascido da minha vontade, e não de vistas ambiciosas.

D. Ped. Pois não quer o Habito?

Bent. Se Vossa Magestade Imperial me permitte que rejeite a mercê . . .

D. Ped. Faça o que quizer. (*Reparando em Maria.*) Oh! quem é esta mulher?

Mar. Uma criada de Vossa Magestade Imperial.

D. Ped. Quer alguma cousa?

Mar. Eu vim com o Sr. Bento para ter a satisfação de ver e fallar a Vossa Magestade Imperial.

D. Ped. Bem, bem; pois tanto uma como outra já fizerão a sua vontade: agora vão para suas cazas, e tratem de fazer fios, que talvez sejão precisos para quando tivermos feridos. (*Maria faz uma misura, e retira-se.*)

Ther. Meu amo disse-me que o esperasse aqui.

D. Ped. Teu amo! E quem é teu amo?

Ther. E' o Sr. Ambrozio, Negociante desta Cidade.

D. Ped. Ah! sim, pois vai para essa sala de fora, e, quando for preciso, te chamarão. (*Thereza vai-se.*) Sr. Bento, teem-me dito que esta mulher foi uma heroina durante o tempo em que a Cidade foi governada pelos agentes de meu Irmão.

Bent. Na verdade prestou grandes serviços aos Constitucionaes.

D. Ped. E como pôde ella escapar?

Bent. Isso são daquellas cousas, que se não podem explicar. Ao que ella fez, só por milagre é que não foi victima.

D. Ped. Ella tem cara d'atrevida.

Bent. E' um homem d'armas. Se Vossa Magestade Imperial visse como ella tem trabalhado no arranjo das linhas de defeza, por

certo se admiraria da actividade desta rapariga.

D. Ped. Sim...

SCENA V.

Os mesmos, e o Ajudante de Campo.

Aj. de C. (*Entrando, e apresentando um Officio ao Imperador*) Este Officio, que me derão para apresentar a Vossa Magestade Imperial, e que, segundo vejo, é urgente.

D. Ped. (*Pegando no Officio.*) De quem é?

Aj. de C. Creio que do Consul Inglez. (*Retira-se para o lado conversando com Bento.*)

D. Ped. (*Abre o Officio, lê, surri-se, feixa-o, e guarda-o.*) Mais nada?

Aj. de C. Está alli o Negociante, que Vossa Magestade Imperial mandou chamar.

D. Ped. Ambrozio?

Aj. de C. Sim, Senhor.

D. Ped. Que entre. (*O Ajudante sahe.*) Sr. Bento, eu tenho que fazer, e preciso estar só: queira vir por cá outro dia, que temos muito que tratar.

Bent. Estou sempre á disposição de Vossa Magestade Imperial. (*Retira-se saudando o Imperador.*)

SCENA VI.

D. Pedro, Ambrozio, e o Ajudante.

D Ped. (*Ao Ajudante.*) Vá ver em que estado vão os trabalhos das linhas, e volte bre-

ACTO QUARTO.

DIA 24 DE JULHO DE 1832.

A Praça Nova.

SCENA I.

MANOEL DA SILVA (*só, e em trajo mudado*).

Não foi má a arriósca em que me mettêrão; se o Governador teima com o rapaz para que dissesse quem o induzíra a trazer a noticia de ter passado uma brigada do Sul para o Norte, e que vinha sobre a Cidade, e o rapaz desse com a lingua nos dentes, estava eu bem servido! Nada, nada, isto assim não caminha bem; eu sou Sargento, pertenço ao Exercito, e é mister que vá para elle: os Fradinhos, que cá estão na Cidade, que fação o que poderem, que eu não estou resolvido a morrer enforcado por seu respeito.

SCENA II.

SILVA, E O GUARDIÃO.

SILV. Oh! o Padre Mestre Guardião por aqui!

GUARD. E' verdade, vinha ver se sabia alguma cousa: que se diz, Sargento Silva?

SILV. Que se ha de dizer? Que D. PEDRO e o seu Exercito está proximo a chegar á Cidade.

GUARD. Isso, e o que eu quero é tudo o mesmo.

SILV. Para que?

GUARD. Pouco ha de viver quem o não souber. A proposito, dou-lhe parte que Fr. Pascoal está na Cidade; chegou esta noite.

SILV. Sim! E que vem cá fazer? Elle não sabe que se o pilhão....

GUARD. Qual pilharem, nem meio pilharem! Da sorte que elle está disfarçado é impossivel.

SILV. E que noticias dá elle do nosso bom Rei o Senhor D. Miguel I?

GUARD. As melhores: ElRei Nosso Senhor está em Coimbra com grande parte do seu Exercito, e no dia 8 de Setembro ha de apoderar-se de Villa Nova.

SILV. E d'aqui até lá?

GUARD. Havemos ter muito que vêr.

SILV. Sim!

GUARD. Sim. O exercito rebelde não tarda a entrar na Cidade, e eu e os meus Frades, logo que vejamos que os Caçadores estão bem ferrados no somno, lançaremos fogo ao Convento afim de morrerem todos assados.

SILV. E depois?

GUARD. Veremos o que se ha de fazer.

SILV. O' Padre Mestre, parece-me que essa empreza é um tanto arriscada.

GUARD. Qual é, nem meio é.

Silv. Em fim....

Guard. E' verdade, como se vai arranjando o seu amigo Tendeiro de Villar?

Silv. Bellissimamente: já temos uns cincoenta que estão promptos para dezertarem. O que se precisa é dinheiro.

Guard. Fr. Pascoal trouxe letra.

Silv. Bom. Quer Vossa Reverendissima que eu faça mais alguma cousa?

Guard. Por em quanto não.

Silv. Pois até logo. (*Sahe pela E. B. e ao mesmo tempo entrão pela E. A. Ambrozio, Teixeira, e Carolina.*)

SCENA III.

Guardião, Ambrozio, Teixeira, e Carolina.

Amb. (*Entrando primeiro: á parte.*) O Guardião dos Franciscanos por aqui! Que teremos? (*Alto, chegando-se ao Guardião.*) Padre Mestre, muito folgo de o ver. Então, tambem fugiu para o Busodino?

Guard. Não, meu Sr.: eu só esta manhã, quando ia dizer Missa, é que soube do alarme....

Amb. Se tivesse sabido antes....

Teix. Tambem fugia, não é assim?

Guard. De certo: eu tenho-me compromettido pela Liberdade....

Carol. Ninguem lhe faria mal.

Guard. (*A' parte.*) Muita pena tenho que os não enforcassem a ambos.

Amb. E que fazia o Reverendissimo agora por aqui?

Guard. Vim saber as novidades.

Teix. Pois eu lhas digo. Saiba que os rebeldes forão derrotados em Ponte Ferreira, e que os que puderão escapar vão dando ás de Villa Diogo para Coimbra.

Guard. E o que faz o Senhor D. Pedro?

Carol. Volta para a Cidade para dar descanço aos seus valentes Soldados.

Guard. Sim! Pois vou mandar arranjar bem o Quartel de Caçadores, e pôr-lhe agua fresquinha nas talhas. Passem muito bem, meus Srs. (*A' parte.*) Vou, mas é burrifar o Convento com agua-raz. (*Vai-se pela E. B.*)

SCENA IV.

Os mesmos, menos o Guardião.

Carol. Mas, meu Ambrozio, quem é que espalhou o alarme na Cidade?

Teix. Quem havia de ser? O Governador.

Amb. Nada, nada, não consinto que se desacredite assim quem o não merece. Eu tenho estado sempre ao pe do Governador, e sei tudo o que se passou. No dia 22 á meia noite, estavamos nós em cima do muro, quando chegou um Ajudante de Campo do Senhor D. Pedro, portador de uma Carta escripta pelo proprio punho de Sua Magestade em letra de lapis: eu li esta Carta logo que o Ajudante se retirou. O Imperador ordenou ao Governador que entregasse o Commando do Castello da Foz

a um Official de confiança, que lhe mettesse dentro abundancia de mantimentos, e que no caso de ter noticia de que alguma força rebelde passava do Sul para o Norte, e tentasse atacar a Cidade, que se recolhesse com as tropas do seu Commando áquelle Castello, pondo em segurança os nossos feridos, e que o mandasse avizar, afim de vir em soccorro da Cidade; o General cumprio á risca a ordem de Sua Magestade, quanto á nomeação do Official, e aprovisionamento de viveres. No dia 23, estando nós no Palacio do Bispo, ás 5 para ás 6 da tarde, zangado o Governador por não ter recebido noticia alguma do exercito, ordenou-me que fosse á caza da Camara, e que dissesse aos Soldados dos differentes Corpos, que alli se achavão guardando as bagagens, que se fossem reunir ao Exercito: eu ia a sair, quando, sentindo bulha no Pateo, e perguntando quem estava alli, respondêrão-me, que uma escolta do Piquete de Quebrantões, que vinha aprezentar um rapaz ao General. Voltei com todos onde estava o General, e ouvi dizer ao tal rapaz que tinha passado uma brigada de Infanteria, e dois esquadrões de cavallaria miguelista para o Norte, e que marchava tudo sobre Loça. Neste mesmo momento appareceu um Official, que vinha encarregado pelo Imperador de dizer ao Governador, que o Exercito rebelde, batido e destroçado completamente em Ponte Ferreira, fugia em debandada na frente dos nossos. Entou revogou o Governador a ordem, que me tinha dado, de ir fazer marchar os Soldados, que estavão na Cidade, para o Exercito, e o Offi-

cial General retirou-se. A's onze horas da noite recebeu o Governador outro aviso igual ao que o rapaz déra; á meia noite outro; e á uma hora dois avisos iguaes recebeu ao mesmo tempo. O caso era serio, e tinha o cunho da verdade, porque se dizia que os rebeldes tinhão passado a Quebrantões; e não querendo o Governador sacrificar ninguem, mandou avisar quem estava na Cidade de que se ia retirar para a Fóz com as forças do seu commando, visto que a Cidade estava ameaçada por forças superiores: e seguiu-se o alarme; até que hoje ás 8 horas, estando nós na Torre da Marca, chegárão dois dos Ajudantes do Governador com a noticia de que tudo tinhão sido mentiras, e que Sua Magestade vinha em marcha para aqui, coberto dos louros da Victoria, e trazendo mais de quatrocentos prisioneiros. Esta é que é a verdade.

Teix. Nesse caso o Governador nada mais fez que cumprir as Ordens que tinha.

Amb. Homem, se ha culpa, é só na Commissão que ahi está encarregada de dirigir a espionagem no campo inimigo, que nem se quer deu a menor noticia ao Governador do movimento dos rebeldes.

Carol. Eu fiquei muito assustada; estava dormindo, quando meu Pai, abrindo a porta do meu quarto, se chegou á minha cama, gritando: = Filha, filha, fujamos, fujamos, que entrárão os Miguelistas na Cidade. = Salto da cama, embrulho-me n'um roupão, e, mal vestida, corro em busca dos nossos filhos; já estavão ao collo de Thereza, e de Antonio; sahimos todos, e, correndo, chegámos á borda do rio; met-

temo-nos n'um bote, e fômos para bordo de um navio muito grande, aonde já encontrámos muita gente. Oh! meu Caro, quando eu desta vez não morri de susto!....

Teix. Se tu visses o que ia pela Cidade! que alarido! que choros! Cortava o coração.

Amb. Em fim, o que lá vai, lá vai. Vamos nós até o Senhor do Bomfim para esperarmos o Senhor D. Pedro?

Carol. Vamos, vamos.

Teix. Pois a caminho, que pouco deve tardar. (*Tomão para a direita, e sahem.*)

SCENA V.

Bento, Thereza, Maria, Antonio, e Povo *de ambos os sexos.*

Mar. Não sabes, Thereza? Dizem que Fr. Pascoal está na Cidade, e que veio disfarçado: se eu estivesse no teu lugar, procurava-o a fim de ser prezo e punido.

Ther. Longe de mim tal pensamento. Bem sei que Fr. Pascoal é muito criminoso, mas que seria eu, se o fosse denunciar á justiça? Não, jámais imitarei o seu exemplo, jámais denunciarei pessoa alguma.

Bent. Folgo de te ouvir, boa Thereza; os Constitucionaes não devem ser vingativos.

Mar. Sim, mas quem o seu inimigo poupa nas mãos lhe morre.

Ant. O' Sr.ª Maria, deixe-se de nos repetir adagios da nossa avó. Thereza faz muito bem em não querer perseguir o Frade, e se vossê

fáz gosto nisso, vá ter com o Chanceller, e diga-lhe aonde está Fr. Pascoal.

Mar. Eu! Que Deos Nosso Senhor me livre disso; é verdade que eu desejo que elle seja castigado, mas ir eu accusa-lo! Oh! nunca, nunca.

Bent. Então acabem com isso.

Ther. Eu cá por mim não digo nem mais meia palavra.

SCENA VI.

Os mesmos, o Guardião, Silva, e Fr. Pascoal *depois*.

Bent. (*Vendo vir o Guardião: á parte.*) O Guardião dos Franciscanos anda hoje muito sahido, já o tenho encontrado duas vezes!

Mar. (*A' parte a Thereza.*) Thereza, não vês o Guardião?

Ther. (*A Maria.*) Que me importa a mim o Frade?

Guard. (*Ao fundo: á parte a Silva.*) Já está tudo arranjado?

Silv. (*A' parte ao Guardião.*) Tudo.

Bent. (*A' parte.*) Quem será aquelle homem com quem falla em segredo?

Ther. (*A' parte, olhando para Silva.*) Parece-me que já vi esta figurinha.

Guard. (*A' parte a Silva.*) Pois bem, fique o Sr. Sargento por aqui, que eu vou arranjar o mais que nos falta. Dentro em pouco estarei no Convento. (*Vai pela direita alta.*)

Mar. (*A' parte a Thereza.*) Não está mais na minha mão, não posso gostar de Frades.

Ther. Pois eu agora de que gosto é de ir esperar o Senhor D. Pedro; e quem me quizer seguir, que me siga (*Sahe pela D. B.*)

Mar. Eu tambem vou. (*Vai-se.*)

Bent. Não sei o que me adivinha o coração! Este maldito Frade tem andado hoje todo o dia na rua; tem fallado a certas figurinhas! (*O Povo vai-se pouco a pouco pela direita baixa.*) Em fim vou espera-lo á entrada do Convento para observar o que elle faz. (*Vai-se pela E. B.*)

SCENA VII.

Silva (*só*).

Silva. Já se forão! que os leve mil diabos, mais a toda a sua raça. Os malhados batêrão os Soldados fieis em Ponte Ferreira, mas pouco tarda que recebão o castigo devido á sua perfidia. O Convento de S. Francisco, onde está aquartelada a Divizão Ligeira, já está bem ensopado em agua raz, e logo que os Soldados vão a quarteis, e adormeção, nós accenderemos a santa fogueira, que deve queimar os hereges. (*Olhando para a E. B.*) Oh! ahí vem Fr. Pascoal.

SCENA VIII.

Silva, e Fr. Pascoal.

Fr. Pasc. (*Entrando apressado.*) Sargento Silva, viu o Padre Mestre Guardião?

Silv. Ha pouco que aqui esteve.

Fr. Pasc. Para onde foi elle?

Silva. Tomou para aquelle lado, mas não sei para onde foi. Reverendo, ha alguma novidade?

Fr. Pasc. Ha uma teima do Padre Mestre, que é mister destruir.

Silva. Uma teima?

Fr. Pasc. Sim. Eu lembrei-me de lançar peçonha na agua da Cidade, e elle não quer!

Silv. Optima lembrança: e porque não quer elle que se faça isso?

Fr. Pasc. Diz que na Cidade ha muitos Realistas, e que morrerião com os malhados.

Silv. Isso é verdade. (*Sentem-se foguetes.*) Oh! que foguetes serão aquelles?!

SCENA IX.

Os mesmos, e o Guardião (*correndo.*)

Guard. Oh! muito estimo encontra-los: vamos, vamos para o Convento, que os malhados já vem muito perto, e não convém que elles nos encontrem aqui. (*Sentem-se perto os vivas.*)

Silv. Que valem aquelles vivas? A maior parte dos que os dão já os derão a El-Rei Nosso Senhor: é Povo, e o Povo está sempre prompto a applaudir tudo quanto é novidade. (*Mais vivas muito perto.*)

Guard. Vamo-nos safando. (*Vão-se apressados pela direita baixa. A Scena enche-se de Povo que vem da direita.*)

SCENA X.

D. Pedro *a cavallo seguido do seu Estado maior, e do Exercito.* Muito Povo. (*Todos atravessão da direita para a esquerda.*)

Povo. (*Logo que* D. Pedro *apparece.*) Viva o Senhor D. Pedro! Viva a Liberdade! Viva o Exercito Libertador!

(*O pano cahe.*)

FIM DO QUARTO ACTO.

ACTO QUINTO.

DIA 14 DE OUTUBRO DE 1832.

Sitio da Eira na Serra do Pillar. Bateria sobre a direita, donde figura vir o ataque; da esquerda parte de um edificio e algumas arvores; no fundo ar, porque figura a parte que diz para a Cidade.

SCENA I.

SOLDADOS DO 3.° MOVEL, POVO DE AMBOS OS SEXOS *empregado nas fachinas*, MARIA, e COSTA *Soldado de Sentinella.*

MAR. (*Cozendo uns saccos que se vão encher de terra.*) Andem, rapazes, é precizo acabar depressa a trincheira, porque dizem que os rebeldes não tardão.

COST. Tomára eu já que elles chegassem.

MAR. Para que, maldito? Não vês que o parapeito ainda não está acabado?

COST. Cá nós os Polacos da Serra não temos precizão de trincheiras para nos batermos pela Liberdade. Tu bem viste já no dia 8 de Setembro, em que só cento e cincoenta dos nossos lhes derão nas ventas. Muito fogo houve

nesse dia! (*Passeia para o lado direito, e olha com attenção para fora.*)

MAR. (*Pondo-se em pé.*) Bello! já acabei de arremendar o ultimo sacco. (*Vai aos trabalhadores.*) Então, amigos, vossês avião-se, ou não se avião?

COST. Maria, Maria, queres ver?

MAR. (*Correndo para elle.*) O que? o que?

COST. Uma sentinella avançada dos rebeldes. (*Gritando-lhe.*) Oh! caipira, canta lá o Rei chegou!

MAR. Accommoda-te, Costa, vê se queres que elle te atire algum tiro.

COST. (*Rindo.*) Ah, ah, ah! qual tiro nem meio tiro. (*Gritando.*) Oh! caipira, deixa esses rotos, vem para cá. (*Sente-se um tiro de espingarda.*)

MAR. Então eu não to dizia? (*Os trabalhos estão concluidos.*) E' verdade, tu não vês o que lá vai ao pé daquelle pinhal?

COST. Eu, o que vejo é muita poeira.

SCENA II.

OS MESMOS, E O COMMANDANTE DA SERRA.

COM. (*Entrando.*) Sentinella, já se avista alguma cousa?

COST. Parece que para nós vem marchando uma columna daquelle lado. (*Indica a direita.*)

COM. (*Botando o oculo.*) Não ha duvida; são elles.

MAR. Quem me déra poder esganallos!

Com. (*Com o oculo.*) Ainda vem muito longe. (*Examina a fortificação.*) Muito bem, muito bem, tudo se acabou a tempo. (*Aos homens, e ás mulheres.*) Retirem-se d'aqui, que o ataque é sobre este lado, e eu quero este sitio desembaraçado para que os meus Soldados possão manobrar. (*O Povo retira-se. Entrão alguns Artilheiros, e Academicos.*) Srs. Academicos, vamos metter as peças em bateria. (*Os Academicos, e Artilheiros cumprem a ordem.*)

SCENA III.

Os mesmos, e um Capitão d'Infanteria.

Cap. Aonde está o Sr. Commandante da Serra do Pillar?

Com. A's suas ordens; que temos de novo?

Cap. Sua Magestade Imperial tem noticias de que o inimigo aproximára as suas forças sobre este lado, e persuadido de que vão tentar o ataque mandou-me que viesse com sessenta homens para aqui a fim de cumprir as ordens de V. Ex.ca

Com. Muito bem, meu camarada, queira ir mandar descançar a sua gente, que eu dentro em pouco lhe irei designar os pontos que devem guarnecer. (*O Capitão vai-se para a E. para onde são todas as entradas, e sahidas.*)

SCENA IV.

Os mesmos e o Ajudante de Campo do Imperador.

Aj. de C. (*Entrando.*) General, o Imperador manda perguntar-lhe que força inimiga tem na sua frente, e se quer que venha mais tropa para a Serra.

Com. Diga a Sua Magestade Imperial, que não tenha cuidado pela Serra, e que na minha frente, segundo diz um Soldado que se me aprezentou esta madrugada, estão de uns vinte a trinta mil homens d'Infanteria, Caçadores, e Artilheria; mas que cá tenho os meus Polacos para os bater. E' verdade, que novidades ha para o Norte?

Aj. de C. Defronte d'Aguardente tem havido movimentos; nos mais pontos tudo se conserva no mesmo estado.

Com. Bem, bem; sempre é bom que haja cautella, porque o inimigo, crendo-nos entretidos com a defeza da Serra, póde tentar ataque pelo Norte.

Aj. de C. Tudo está prevenido.

Com. Oh! diga ao Quartel Mestre General, que me mande foguetes, e alguns cartuxos de espingarda.

Aj. de C. Não quer mais nada?

Com. Não.

Aj. de C. Pois bem, descance, que já se lhe mandão os foguetes, e cartuxos. Adeus, General, estimarei que seja feliz. (*Vai-se.*)

SCENA V.

Os mesmos, e um Academico.

Acad. (*Entrando.*) General, pelo movimento que se nota nas baterias inimigas, parece que o ataque vai principiar-se.

Cost. General, as columnas inimigas já principiárão a mover-se.

Com. Pois deixá-las principiar, que tambem nos ha de chegar a nossa vez. (*Sente-se um tiro d' Artilheria.*) Oh! já!.... Oh! lá, rapazes, todos a seus postos. (*Os Soldados, e Artilheiros tomão os seus lugares junto ás canhoeiras, e trincheiras.*)

Mar. Eu cá estou prompta para morder os cartuxos.

Cost. Como elles vem em ordem! Contão já com o bocado na bôca: pois venhão, que só terão que roer chumbo, e ferro.

SCENA VI.

Os mesmos, Ambrozio, Teixeira, e Carolina.

N. B. Ambrozio, e Teixeira vem vestidos á paisana, mas com armamento e espingardas: Carolina traz um cêsto enfiado no braço, e coberto com um guardanapo, e na mão uma espingarda.

Amb. (*Entrando com Teixeira, e Carolina.*) Sr. General, aqui tem mais tres Voluntarios para o ajudarem a defender a Serra.

Com. Que! Sr. Ambrozio, pois consente que

a Sr.ª D. Carolina venha para um lugar tão arriscado!

Carol. Não tem duvida, Sr. General, eu já estou acostumada ao fogo, e de mais quero-me encarregar de carregar as espingardas para que meu marido não interrompa o fogo. (*Olhando para a D.*) Olhem, olhem; ahi vem uma bomba. (*Sente-se o estouro.*) Rebentou no ar. (*O fogo d' Artilheria inimiga principia com violencia, atravessão bombas pela Scena.*)

Cost. As Columnas já vem perto.

Com. Está proximo o momento do ataque.

SCENA VII.

Os mesmos, o Ajudante de Campo, *e logo depois delle* muitas mulheres, *trazendo barris de polvora.* Thereza *traz um barril de polvora á cabeça.*

Aj. de C. General, eis-aqui a polvora. (*Entrão as mulheres, e logo que Thereza chega á Scena vem uma bomba rebentar ao pé della.*)

Ther. (*Cahe como se fora ferida.*) Ai! (*Todas as mulheres pouzão os barriz, e correm a ella; o barril de Thereza rebola.*)

Carol. (*Correndo a Thereza.*) Minha Thereza!

Ther. A mim não; accudão ao barril, senão vai cahir no Rio. (*O Fogo continua.*)

Com. Pobre mulher!

Carol. Está ferida no lado esquerdo.

Com. Levem-na para o Hospital de sangue. (*Dois Soldados tomão Thereza nos braços, e levão-na.*)

Carol. Infeliz Thereza!

Ther. (*Custando-lhe a fallar, e sendo levada.*) Não, minha.... Senhora.... Eu não sou infeliz. Morro.... pela Liberdade. (*Com um esforço.*) Viva a Liberdade! (*Sahe.*)

Com. Oh! rapazes, estejão á lerta, que eu vou ver como estão as cousas lá pelo lado de Villa Nova. (*Sahe.*)

SCENA VIII.

Os mesmos, menos o Commandante.

(*N. B. O fogo d' Artilheria continúa.*)

Acad. (*A Carolina.*) Então, minha Senhora, não tem medo de estar aqui?

Carol. Que medo posso eu ter, estando ao pé dos bravos defensores da Serra do Pillar, e do meu marido?

Acad. Mas ás vezes um cáco de granada, uma balla....

Carol. Nós, as Senhoras do Porto, já estamos familiarizadas com tudo isso.

Amb. Isso lá é verdade; já até nos dias em que as linhas tem sido atacadas as tenho visto nas trincheiras.

Acad. As Senhoras do Porto hão de occupar um lugar muito distincto nas paginas da historia de Portugal, quando se tratar da defensa do Porto.

Carol. O Sr. Academico é muito lizongeiro.

Acad. Não sou lisongeiro, minha Senhora; sei pagar com gratidão ao merito.

Carol. O mano Teixeira se fizesse favor de ir saber de Thereza . . .

Teix. Com muito gôsto. (*Vai-se.*)

Amb. As columnas inimigas já vem perto! Porque não principiamos nós o fogo?

Cost. Porque o nosso General não gosta de fazer bulha; deixe-os chegar mais perto, e então verá. (*Teixeira entra.*)

Carol. (*A Teixeira.*) Então?

Teix. Levárão-na para a Cidade; e como o Senhor D. Pedro estava á borda do Rio, foi quem ajudou a pegar nella, e a metteu n'uma maca, recommendando muito que tivessem cuidado, porque não tardaria a ir visita-la.

Carol. Immortal D. Pedro!

Cost. Vão dizer ao General que venha, porque a burricada apressou o passo. (*Corre uma mulher.*)

Amb. São trez columnas!

Teix. Ainda que fossem mil não porião pé cá dentro.

Cost. Vem de grande uniforme! Patetas! não se lembrão que são como os Soldados do Papa.

SCENA IX.

Os mesmos, e o Commandante.

Com. (*Entrando, e dirigindo-se á trincheira.*) Vejamos. Oh! já lhe podemos chegar. (*Com força.*) Principie o fogo. (*Principia um fogo vivissimo tanto de fuzil, como d'Artilheria; as columnas inimigas tambem fazem fogo. Carolina, e as outras mulheres empregão-se em carregar*

armas, e morderem os carluxos, e darem agua aos Soldados. etc.

Cost. Lá espatifou um foguete o primeiro pelotão!

Com. Vivo, rapazes, vivo; senão, olhem que lhes vem comer o rancho.

Cost. Não é o mel para a bôca do asno. Oh! caipira, canta lá o Rei chegou. Toma! Que abençoada bomba! Cahiu mesmo no centro da columna.

Mar. Muita gente matou!....

Com. Que terão elles, que já não avanção!

Cost. Toma! toma! Oh! meu Deos, que bello artilheiro! Toma! nem menos de 3 lhe cahirão em cima: da primeira columna já pouca gente lhes resta de pé. Toma! é um nunca acabar!

SCENA X.

Os mesmos, e o Capitão.

Cap. General, pelo lado de Villa Nova o inimigo foge na nossa frente; quer que o carreguemos?

Com. Não, Senhor.

Cap. Bem. (*Retira-se.*)

Cost. General, General, os homens retirão; olhe, olhe!

Com. Como vão ligeiros! Cesse o fogo! (*Cessa o fogo na Scena.*)

Cost. Que diabo será aquillo, que além está entre umas pedras.

Amb. E' um homem chamando com um lenço branco!

Cost. Eu atiro-lhe!

Com. Não. Vai busca-lo.

Cost. Eu?

Com. Sim, Senhor; quando um desgraçado nos pede auxilio devemos protege-lo. Vá e veja o que faz. (*O Soldado salta para fóra.*) Estes Srs. Polacos em lhes cahindo nas mãos algum Miguelista... (*Reparando em Carolina.*) E' verdade, minha Sr.ª, deve estar muito cançada, não é assim?

Carol. Alguma cousa, mas estou muito mais contente.

Amb. (*Junto da trincheira.*) E' um Official! (*Entra o Capitão, e mais Officiaes.*)

Teix. Quem será elle?

Cost. (*Saltando para dentro, e logo um Official.*) Aqui está, General; diz que tinha ficado alli porque se queria apresentar.

Cap. (*Vendo-o.*) Que pinga que elle é! (*Vai a feri-lo.*)

Com. Que faz, Sr. Capitão? Este Official chamou por nós em seu auxilio, acaso deve encontrar a morte nas pontas das nossas espadas? Os defensores da Serra do Pillar só devem conhecer inimigos no Campo de Batalha durante a peleija Sr. Capitão, póde retirar-se com a sua gente, e eu encarrego a sua honra de apresentar este Official a Sua Magestade Imperial.

Todos. Viva a Liberdade! Vivão os defensores da Serra do Pillar!

(*Pano abaixo.*)

FIM DO DRAMA.

(Cae.) Ha alguien.

(Ch.) Sale. Vai [illegible].

(Cae.) Ea!

(Ch.) Sale. Si [illegible] [illegible] [illegible]

CATALOGO

Das Peças de Theatro que se vendem na Loja de Antonio Marques da Silva, Rua Augusta N.° 2.

Acto de Santa Catharina: 4.° — 60 rs.
Acto de Santa Genoveva: 4.° — 40 rs.
Acto de Santo Aleixo: — 40 rs.
Alardo (O) na Aldea; Farça: 30 rs.
Ambição (A). Tragedia, por *Francisco d'Alpuim de Menezes*: 1823. 8.° br. — 240 rs.
Amizade, Rectidão, e Constancia; Comedia em Verso Dramatico composta em Portuguez por *José Joaquim Bordalo*: 8.° br. — 160 rs.
Amor (O) do Patriotismo ou os Tirolezes; Comedia: 4.° — 100 rs.
Antes a filha que o Vinho; Farça: 8.° br. — 80 rs.
Aprendiz (O) de Ladrão; Farça: 8.° br. — 80 rs.
Arte de Tourear, ou o filho Cavalleiro; Farça: — 30 rs.
Aspacia na Syria; Comedia: 4.° — 80 rs.
Astucias de Falcete; Farça: 4.° — 60 rs.
Astucias de Zanguizarra; Farça: 4.° — 100 rs.
Beato (O) ardiloso; Farça: 4.° — 60 rs.
Bruto, Tragedia de *Voltaire*, traduzida em Versos Portuguezes: em 8.° br. — 160 rs.
Cahe no logro o mais esperto; Farça: 4.° — 60 rs.
Casa (A) de Pasto; Farça: — 30 rs.
Challe (O), Drama: 4.° — 60 rs.
Chocalho dos annos de D. Lesma; Farça: 30 rs.

Christierno, Rei de Dinamarca, viajando incognito pelos seus Estados, ou a constancia e heroismo de huma mulher; Drama em 3 actos, por *Luiz José Baiardo*: 1841. 8.° br. — 160 rs.

Convidado (O) de Pedra ou D. João Tenorio o Dissoluto; Comedia: 4.° — 60 rs.

Correcção (A) das Vaidosas; Farça: — 60 rs.

Criada (A) Ladina; Farça: — 80 rs.

Desterrado (O), ou o Militar Perseguido: — 160.

Disparates da Loucura na Enfermaria dos Doudos; Farça: — 80 rs.

Doudos (Os), ou o Doudo por Amor, Farça, por *Antonio Xavier d'Azevedo*. A mesma que se tem reprezentado nos Theatros da Rua dos Condes, e Salitre: 1839. 8.° br. — 80 rs.

Doutor (O) Sovina; Farça: 4.° — 30 rs.

D. Ignez de Castro, Tragedia: 4.° — 60 rs.

D. João de Alvarado, o Criado de si mesmo; Comedia: 4.° — 80 rs.

D. Pedro no Porto ou o Heroismo de Poucos, Drama em 5 actos, de *Rodrigo de Azevedo Sousa da Camara*: 1841. 8.° br. — 140 rs.

Elogio Dramatico para se representar no Anniversario de S. M. F. a Senhora D. MARIA II: 8.° — 40 rs.

Emira em Suza, a fugir á tyrannia para imitar a Clemencia; Comedia: 4.° — 80 rs.

Encantos de Escapim em Argel; Farça: — 30 rs.

Ericia, ou a Vestal, Tragedia de Mr *Arnaud*, traduzida por *Bucage*: 8.° br. — 120 rs.

Estalajadeiro (O) de Milão; Drama: 4.° — 100 rs.

Eufemia ou o Triunfo da Religião, Drama de Mr. *d'Arnaud*, traduzido em Versos Portuguezes por *Bucage*: 8.° br. — 160 rs.

Ezio em Roma; Comedia: 4.° — 60 rs.

Festim (O), ou a Mulher Estravagante; Comedia: 8.° br. — 160 rs.

Gallego (O) lorpa e os Tolineiros; Farça: — 30 rs.

Galucho (O), ou Amor e Gloria; Farça: 8.° br. — 120 rs.

Heraclio Reconhecido; Tragedia: 4.° — 80 rs.

Hariadan Barba-Roxa, Drama em 3 actos, traduzido livremente por *Luiz José Baiardo*, 1839. — 120 rs.

Imperador (O) José II, visitando os Carceres da Alemanha; Drama: 8.° br. — 240 rs.

Industrias contra Finezas: Comedia: 8.° br. — 160 rs.

Infelizes (Os) de Londres; Drama: 4.° — 60 rs.

Ir buscar lã, e vir tosquiado, ou os Livreiros maniacos; Farça: — 60 rs.

Jesualdo, Tragedia composta em Versos Portuguezes por *J. J. Bordalo*: 8.° br. — 200 rs.

Leonide; Comedia: 4.° — 100 rs.

Luvas (As) Amarellas; Comedia em 1 acto, imitada do Francez de Mr. *Bayard*, por *Luiz José Baiardo*: 8.° br. — 120 rs.

Machabeos (Os), Tragedia de Mr. *Houdar de La Mothe*, traduzida em Verso Portuguez por *João Baptista Gomes*: 8.° br. — 200 rs.

Mais (O) Heroico Segredo ou Artaxerxes; Comedia: 4.° — 80 rs.

Manoel Mendes; Farça. — 60 rs.

Marquez de Mantua; Tragedia: — 40 rs.

Marquez (O) de Pombal, (Sebastião José de Carvalho) ou o Terremoto de 1775. Drama Original em 3 épocas, e 7 quadros; por *Luiz José Baiardo*: 1839. — 160 rs.

Medico (O) Fingido, e a Doente Namorada; Farça: 4.° — 60 rs.

Mérope, Tragedia de Mr. *Voltaire*, vertida em Versos Portug. por *T. A. Craveiro*: — 240 rs.

Mestres (Os) Charlatões, ou o Poeta esquentado; Farça: 4.° — 80 rs.

Ministro (O) Constitucional, Drama em 5 actos: br. — 160 rs.

Monologo para se recitar nos Theatros: 8.° 20 rs.

Nova Castro, Tragedia, por *João Baptista Gomes Junior*, 7.ª edição correcta, e augmentada com a Scena da Coroação, por *José Maria da Costa e Silva*: 1837. 8.° br. — 120 rs.

Optima receita com que o marido curou os maleficios de sua mulher; Farça: 60 — rs.

Orestes, Tragedia de *Victorio Alfieri d'Asti*; Traduzida em verso Portug.: 8.° br. — 160 rs.

Pedro Grande, ou a Escrava de Mariamburgo na Russia, por *A. X. F. de Azevedo*: — 160 rs.

Plano (O) Malogrado; Farça: 4.° — 80 rs.

Saloio (O) Cidadão; Comedia: 4.° — 60 rs.

Sem-ceremonia (A) com que os homens enganão as raparigas; Farça: — 30 rs.

Somnambula (A), Drama em 2 actos por *M. Scribe e Melesville*: 4.° br. — 80 rs.

Traficante (O), ou o Retrato de muitos homens; Farça: — 60 rs.

Vaidade castigada; Farça: 8.° br. — 60 rs.

Velha (A) Garrida; Farça: — 30 rs.

Velhice (A) Namorada; Farça: — 30 rs.

Velho (O) Namorado impertinente, e enganado; Farça: — 30 rs.

Velho (O) Perseguido; Farça: 8.° br. — 80 rs.

Vinda inopinada; Comedia — 80 rs.

CATALOGO DOS LIVROS

QUE

ANTONIO MARQUES DA SILVA

MANDOU IMPRIMIR, E DE OUTROS QUE TEM EM SORTIMENTO,

E SE VENDEM NA SUA LOJA

NA RUA AUGUSTA N.° 2, EM LISBOA.

N. B. Além dos Livros abaixo mencionados, na mesma Loja se achão outros muitos em sortimento, e se aprompião quaesquer encommendas, tanto para o Reino, como para fóra.

Arrendamentos, Procurações, Abonações, Cartas, Taboadas, Pautas, Traslados, Recibos para o Thesouro, e Cartas para Enterros.

OBRAS ULTIMAMENTE PUBLICADAS.

A Consciencia de uma Creança, ou a Moral e a Religião, para uso das Escolas Elementares; 2.ª edição: 1837, 8.° br.—120 rs.

Adelina e o Conde d'Aguilar, ou o Infortunio: br. —40 rs.

Alfandega Papal, Taxas das suas partes casuaes, redigidas pelo Pontifice João XXII, publicadas por Leão X, e agora commentadas; ou Tarifa pela qual se absolvem, a dinheiro de contado, os parricidas, os incestuosos, os adulteros, os veneficos, os perjuros, e toda a classe de criminosos: 1836. 8.° br. 400 rs.

Alphabeto da malicia das Mulheres, ou Diccionario de Anecdotas ácerca dos ardis, subtilezas, estratagemas, loucuras, caprichos, imperfeições, e fraquezas do sexo feminino, dedicado á peior de todas; traduzido do francez, e annotado: 1840. 8.° br — 240 rs.

Antoninho e os dous Pintarroxos, ou o Gentil Rapaz, por *Mad. de Montolieu*, e traduzido por *J. J. R. S.*: 1836. 8.° br. — 50 rs.

Arte de Amar, ou preceitos e regras Amatorias ás Damas; Receita para Melancolicos, ou descripção do Reino do Amor: 1836. 8.° br. — 60 rs.

Arte Mestra que ensina a crear, tratar, escolher, e curar bois, vacas, novilhos, e vitelos: 1840. 8.° br. — 120 rs.

Nesta obra se mostrão os symptomas indicativos das enfermidades a que está sujeita qualquer rez Vacûa; como tambem os remedios, e receitas mais especiaes para o seu curativo; tudo fundado não só nas doutrinas dos melhores mestres, mas autenticado com experiencias.

A Cega em París, ou o fim de Sofia. Novella, por *Mad de Montolieu*, e traduzida em Port. por *J. J. R. S.*: 1836. 8.° br — 120 rs.

A Presciencia, ou Monsieur de Kinglin. Romance por Mr. de *Pigaul Le-Brun*, e traduzido em Portuguez: 1835. 8.° br. — 240 rs.

A Princeza de Babylonia a correr o Mundo em procura do seu Amante, ou a Ave de vinte e oito mil annos d'existencia. Romance por *Voltaire*, traduzido em Portuguez: 1835. 8.° br. — 240.

Aventuras de uma Joven, ou o Cavalheiro Fingido, pelo *Marquez d' Argens*. Trad. do Franc. por *J. B. d' Almeida*: 1839. 8.° br. — 200 rs.

Batalha (A) de Navarino, ou o Renegado;

por *Mr. Moke*, traduzida em Portuguez: 1834. 8.º br. — 240 rs.

Bom (O) Negro Adonis e Zerbina, Libertadores de d'Hérouville. Facto acontecido na revolução da Ilha de S. Domingos: 1840. 8.º br. — 240. rs.

Candido, ou o Optimismo, ou o Phylosopho enforcado em Lisboa pelos Inquisidores, e apparecendo depois em Constantinopla nas Galés. Romance por Mr. de *Voltaire*, e trad em Port.: 1836. 8.º br — 320 rs.

Cartas Amorosas de dous Amantes, ou Emilia, e Frontino, dedicadas a todas as Senhoras: 1835. 8.º br. — 140 rs.

Cartas Indianas, ou correspondencia entre Amabed, Adaté, e o Grão Brama Shastasid, ou a Traição dos Inquisidores descoberta; escriptas por *Voltaire*, traduzidas em Portuguez, e annotadas: 1835 8.º br. — 240 rs.

Cathecismo da Lei Natural, ou principios Fysicos da Moral, deduzidos da organisação do homem, e do Universo. Adaptado a todas as condições, e especialmente á Mocidade; por *Volney*: 1840 8.º br. — 120 rs.

Cidadão (O) Lusitano. Breve Compendio em que se demonstrão os fructos da Constituição, e os deveres do Cidadão Constitucional para com Deos, para com o Rei, para com a Patria, e para com os seus Concidadãos. Dialogo entre um Liberal e um Servil; por *Innocencio Antonio de Miranda*, Abbade de Medrões; terceira edição, mais correcta e augmentada com um Prefacio, e muitas annotações: 1834. 8.º br. — 480 rs.

Collecção de Poezias recitadas no Theatro dos

Voluntarios da Senhora D. MARIA II, por occasião da chegada de S. M. I., o Duque de Bragança, á Ilha Terceira: 8.° br. — 40 rs.

Compendio de Geografia Moderna, e Universal; por *L. G. Coutinho:* 1840. 8.° — 700 rs.

Constancia Feminina, ou Aventuras da Duqueza de C..., escriptas por ella mesma. Historia fundada em factos, traduzida do Inglez: 1840. 8.° br. — 120 rs.

Credo Patriotico: — 10 rs.

Declaração aos Povos e aos Soberanos, ou Manifesto á Nação Portugueza; por *Manoel Pedro H. de Carvalho*: 1837. 8.° br. — 80 rs.

Despozada (A) de Lamermoor, escripta por Sir *Walter Scott*, e traduzida em Portuguez: 1836. 3 vol. 8.° br. — 960 rs.

Diccionario Liberal d'algibeira, traduzido do Francez, contendo a significação das palavras que com o tempo e as revoluções tem tido mudanças na lingoagem dos Povos, correndo risco de não ser entendido por quem as empregasse na sua accepção primitiva: 1840. 8.° br. — 240 rs.

Direitos, e Deveres do Cidadão. Obra escripta em Francez por *Mably*, e traduzida em Portuguez. Nòva edição mais correcta e augmentada: 1836. 8.° br. — 320 rs.

Direitos, e Deveres do Homem em Sociedade, ou Cathecismo Constitucional, para instrucção da Mocidade de ambos os sexos: — 60 rs.

Donzella (A) de Malines, traduzida do Inglez pela Traductora de Thadeo de Varsovia: 1837. 8.° br. — 140 rs.

Doze (As) Novellas de *Mad. de Montolieu*, traduzidas em Portuguez por *J. J. R. S.*:

1836. 8.º br. 4 vol. — 960 rs.

Duas (As) Visitas, os dous Curas, e as duas Noites. Novella por *Mad. Montolieu*, traduzida por *J. J. R. S* : 1836. 8.º br. — 300 rs.

Eduardo e Maria, ou a Virtude desgraçada. Romance : 1839. 8.º br. — 320 rs.

Elisa e Alberto, ou a Menina repudiada por feia, e desejada por bonita. Anecdota por *Mad. Montolieu*, traduzida em Portuguez por *J. J. R. S.* : 1836. 8.º br. — 200 rs.

Epistolas a Marilia sobre a sã Philosophia : 1835. 8.º br. — 120 rs.

Epistola de Heloisa a Abeilard, composta em Inglez por *Pope*, e traduzida em versos Portuguezes por ** *Ms.*os : 1836. 8.º br. — 60 rs.

Espantosas Acções de Antão Broega, Memoravel Narigudo. Poema por *Bocage*. 1835. 8.º br. — 60 rs.

Estudante (O) de Coimbra, ou Relampago da Historia Portugueza, desde 1826 até 1838. Pelo *Dr. Guilherme Centazzi* : 1840. 8.º br. 3 vol. — 800 rs.

Evrard, ou o Beneficio inesperado.
Cegos (Os) Juizes das Cores.
Branco (O) e o Preto. Anecdotas galantes, traduzidas de *Voltaire* : 1834. 8.º br. } 100 rs.

Formulario para Escrivães de Primeira Instancia de Direito, Policia Correcional, Ordinarios, e Eleitos, etc. Contendo as formulas dos Autos, e Termos do Processo Civil, e Crime, conforme a nova Reforma Judiciaria ; por *Francisco de Almeida Ferreira Maio* : 1837. 8.º br. — 100 rs.

Formulario Pratico, ou Guia de Juizes de Paz,

e seus Escrivaes, no exercicio de suas funcções relativamente a Orfãos, conofrme o Decreto N.º 26, de 18 de Maio de 1832: 8.º br. — 100 rs.

Grammatica da Lingoa Latina, reformada e accrescentada por *Antonio Felix Mendes*, Professor Regio em a côrte, para uso das escolas destes Reinos e conquistas, por Decreto de Sua Magestade Fidelissima. Novamente correcta e accrescentada nesta edição de 1841: 8.º — 240 rs.

Historia dos Salteadores mais celebres, e dos Bandidos mais nataveis que tem existido em diversos paizes. Traduzida do Francez: 1841 8.º br. — 480 rs.

Historia de Jenni, ou o Atheo e o Sabio; escripta em Francez por *Voltaire*, e traduzida em Portuguez: 1835. 8.º br. — 240 rs.

Historias de Meninos para quem não fôr creança, escripta por um houmisiado; 2.ª edição: 1835. 8.º br. — 400 rs. Esta Obra contém:

A Noite das Comadres com os Frades, a madrugada do Frade, o Anjo no Convento, o Josézinho da Villa, a Possessa pejada pelo Confessor, Soror Feduncia, Delambida e um Hysope, Gregorio Robles feito Senhor dos Passos, a Viuva roubada pelo Confessor e creada, o Abbade astucioso, o Proprietario desabusado, o Frade pejado, a Beata escrupulosa, a roliça cozinheira, o Rei Miguel e seu hortelão, a Bella Roubadora, o Arrieiro e o Frade denunciante, e outras muitas.

Hymno Constitucional, feito por S. M. I.: *Foge foge ó Tyranno, e não tentes mais*: — 20 rs.

Ingenuo (O), ou o Selvagem civilisado, traduzido de Mr. de *Voltaire*: 8.º br. — 240 rs.

Esta linda e interessante Novella contém os amores de Ingenuo com a Bella Saint-Ivez. Guerra que aquelle fez aos Inglezes, sua prisão na Bastilha em París, e outras cousas mui curiosas:

Jornal dos Artistas com varios segredos uteis aos mesmos Artistas: 4.º br. — 640 rs.

Leonor, ou os bellos olhos da mulher extravagante, por *Madame de Montolieu*, e traduzida por *J. J. R. S.*: 1836. 8.º br. — 100 rs.

Letrado (O), e o Cliente; allegoria: 4.º — 40 rs.

Livro das Familias, Collecção de Contos, Novellas, e Dramas de Miss *Edge-Worth*, traduzido em Portuguez, e offerecido ás suas compatriotas por uma Menina de 12 annos, adornado com uma linda Est.: 1839. 8.º br — 320 rs.

Livro (O) do Povo, composto em Francez pelo Abbade *La Mennais*, traduzido em Portuguez por *Antonio Marianno Tiburcio de Fraga*: 1839. 8.º br. — 200 rs.

Manifestação dos Crimes, e Attentados pelos Jesuitas em todas as partes do mundo, desde a sua fundação, até á sua extincção. por *F. E. A. V.* 2 vol. 8.º br. — 600 rs.

Maximas de conducta para as Senhoras: — 20 rs.

Memnon, ou a Sabedoria humana, traduzido de *Voltaire*: 1836. br. — 40 rs.

Micrómegas, ou o homem de oito legoas de altura. Historia Phylosophica por Mr. *Voltaire*, traduzida em Portuguez: 1834. 8.º br. — 80 rs.

Monte (O) de Neve, ou o Centenario dos Alpes, ou a Verdadeira Amante. Novella por *Madame Montolieu*, e traduzida em Portuguez por *J. J. R. S*: 1836. 8.º br. — 140 rs.

Nossos (Os) Filhos. Novella por *Madame Montolieu*, e traduzida em Portuguez por *J. J.*

R. S.: 1836. 8.º br. — 60 rs.

Palavras d'um Crente, ou escudo contra abusos religiosos e politicos, escriptas em 1833 pelo celebre Abbade *F. de la Mennais*, seguidas do Hymno á Polonia pelo mesmo Author, e da Carta do Papa de excommunhão á Obra; traduzidas do Francez por *Pedro Cyriaco da Silva*: 1836. 8.º br. — 360 rs.

Esta Obra, que tamanho brado espalhou em França, é digna de ser lida pelos Portuguezes, por sua materia tendente a esclarecer a vereda que conduz á Liberdade e aos Direitos Civicos; basta dizer-se que mereceu a Excommunhão do Papa.

Principios Geraes do Methodo do Ensino Mutuo, chamado de Lancaster, para instrucção das pessoas que se dedicão ao conhecimento d'este ensino: 1837. 8.º br. — 100 rs.

Repertorio Geral, ou Index Alphabetico do Codigo Administrativo Portuguez; para uso dos Cabos de Policia, Regedores, Juntas de Parochia, e mais Empregados Administrativos; ordenado por *F. A. F. Maio*: 1837. 8.º br. — 80 rs.

Ritter Von Rechenstein, e Appolonia Von Santi. Historia Alemã, traduzida por uma Senhora: 8.º br — 100 rs.

Roseira (A), o Carneiro, e o Professor de Phylosophia, ou os Amantes felizes, por *Madame Montolieu*, traduzida em Portuguez por *J. J. R. S.*: 1836. 8.º br. — 60 rs.

Ruinas, ou a Meditação sobre as Revoluções dos Imperios, por *Volney*: livremente traduzidas em vulgar por *Pedro Cyriaco da Silva*: e ajuntou-se-lhe o Cathecismo da Lei natural, do mesmo Author; adornadas com o retrato de *Volney*: 8.º br. — 400 rs.

Sciencia dos costumes, ou Ethica resumida, accommodada á capacidade de todos, e util a todo o estado de pessoas; por um Anonymo Portuguez: 1834. 8.° br. — 200 rs.

Seculo (O) Moderno, ou Verdades Politicas ácerca dos abusos mais prejudiciaes ás Sociedades; e Dialogo entre os Povos e os Tyrannos: 1836. 8.° br. — 40 rs.

Sofia, ou a Cega Virtuosa; por *Madama de Montolieu*, e traduzida em Portuguez, por *J. J. R. S*: 1836. 8.° br. — 60 rs.

Sonho (O), e o Amor silencioso, ou o Casamento feliz. Novella por *Madama de Montolieu*, e traduzida em Portuguez por *J. J. R. S*: 1836. 8.° br. — 100 rs.

Tractado Historico-Dogmatico-Critico das Indulgencias, segundo a verdadeira Doutrina da Igreja; em opposição com as estravagantes e escandalosas pretenções do Papa, e sua Curia. Composto por *D. Vicente Palmieri*, reduzido a Compendio por *José Zola*, traduzido por *José Antonio Leonardo da Costa Vedigal*: 1835. 8.° br. — 240 rs.

União da Philosophia com a Moral. Obra dividida em seis tractados, para uso das Aulas: escripta pelo Cavalheiro *Buzelli*, e traduzida em vulgar por *Pedro Cyriaco da Silva*. 1836. 2 vol. 8.° br. — 800 rs.

Velho (O) Celibatario, ou a Ingratidão das oito Mulheres. Novella por *Madama de Montolieu*, e traduzida por *J. J. R. S.*: 1836. 8.° br. — 100 rs.

Velho (O) Remendão da Cabana, e os oito Luizes de ouro, ou o feliz encontro: por *Madame de Montolieu*, e traduzido em Portuguez

por *J. J. R. S.*: 1836. 8.º br. — 60 rs.

Vida (A) Escandalosa dos Papas: 1833. 4.º br. — 120 rs.

Abbreviatura utilissima para uso dos Meninos das Aulas de Primeiras Letras, com as divisões do Tempo, Conta, Pezo, e Medida: 8.º br. — 80 rs.

Acasos da Fortuna, ou Livro de Sortes divertidas: br. — 160 rs.

Adão remido por Jesus Christo. Poema Evangelico, por *Vicente Carlos de Oliveira*: em 8.º — 480 rs.

Advertencia aos Modernos, que apprendem os Officios de Pedreiro, e Carpinteiro, por *Valerio Martins de Oliveira*: 1826. 8.º br. — 360 rs.

Affonso de Lodéve, pela *Condessa de G****: 2 vol. br. — 720 rs.

Agricultura das Vinhas, e tudo o que pertence a ellas até perfeito recolhimento do Vinho; e relação das suas virtudes, e da Cepa, Vides, Folhas, e Bôrras. Composta por *Vicente Alarte*: 8.º br. — 360 rs.

Amor (O) e a Saudade dos Valorosos Portuguezes na ausencia do Principe Regente; por *Malhão*: 8.º br. — 60 rs.

Analyses Criticas, Economicas, e Politicas, ou as Causas verdadeiras das menores producções do Alemtejo: 4.º br. — 240 rs.

Anti-Jacobino (O): 4.º — 120 rs.

Arte de Cozinha, dividida em quatro partes; a primeira tracta do modo de cozinhar varios guizados de todo o genero de carnes, e con-

servas, tortas, empadas, e pasteis: a segunda de peixes, mariscos, fructas, hervas, ovos, lacticinios, doces, e conservas do mesmo genero: a terceira de preparar mesa em todo o tempo do anno: a quarta de fazer podins, e preparar massas; por *Domingos Rodrigues*, correcta e emendada: 1836. 8.º — 400 rs.

Arte de Grammatica da Lingua Portugueza, por *A. J. R. Lobato*: em 8.º — 300 rs.

A mesma, novamente augmentada com a parte da Orthographia: — 480 rs.

Arte Poetica de *Q. Horacio Flaco*. Epistola aos Pisões, traduzida em verso Portuguez por *A. J. de Lima Leitão*: 1827. 8º. br — 60. rs.

A's Mulas de d. miguel. Epistola traduzida livremente de Mr. *Viennet*: — 30 rs.

Athalia. Tragedia de Mr. *Racine*, traduzida em vulgar, e illustrada; por *Candido Lusitano*: 8.º — 400 rs.

Aventuras de um Joven Portuguez, ou Conto Moral de um Viajante pela Africa, e Indias de Hespanha, offerecidas á Mocidade Portugueza para sua recreação: 8.º br. — 80 rs.

Aventuras de Fileno e Flora, ou os Gemeos de Sevilha: 8 º br. — 200 rs.

Aventuras de Loriandro, ou os Enganos mais ditosos: 8.º br. — 200 rs.

Aventuras de Ulysses na Ilha de Circe. Poema em oito Livros: 1830 8 º br. — 240 rs.

Brados dos Povos Lavradores. Opusculos demonstrativos da falta de cultura no Alemtejo, e Estremadura: 4.º — 80 rs.

Breves Annotações ao Manifesto do Usurpador d. miguel: 1833. 8.º br. — 120 rs.

Breves Tractados de Geografia conforme a or-

dem politica actual, e recente organisação dos Estados Americanos, Historia em geral, Historia Romana, Chronologia, e Mythologia; por *Pedro Cyriaco da Silva*. 8.º br. 400 rs.

Cadellinha (A). Novella pelo Author do Piolho Viajante: 1825. 8.º br. — 120 rs.

Cãosinho (O). Novella, ou a segunda parte da Cadellinha: 1825. 8.º br. — 120 rs

Canticos Christãos, ou Hymnos mais celebres do Officio Ecclesiastico: 1835. 8.º br. — 120 rs.

Carlos, e Maria. Novella: 8.º br. — 60 rs.

Carta de Heloisa a Abeilard, traduzida do Francez: 8.º br. — 60 rs.

Cartas Americanas por *Theodoro José Biancardi*: 8.º br. — 400 rs.

Cartas Amorosas Familiares de huma illustre desconhecida: 16.º br. — 100 rs.

Cartas de hum Pai a seu Filho, tiradas do resumo de moral, do Sr. Amat. por *José Freire da Fonseca Pego*: 8.º br — 120 rs.

Cartilha da Doutrina Christã, pelo Padre Mestre *Ignacio Martins*: em 16. — 100 rs.

Cathecismo de Agricultura: 8.º br. — 200 rs.

Cathecismos da Diocese de Montpellier para por elles se ensinar a Doutrina Christã aos Meninos; muito bom papel: 8.º — 200 rs.

Christão (O) Devoto. As principaes Orações para empregar o tempo santamente, com o Officio da Immaculada Conceição, e os Officios que a Igreja costuma celebrar na manhã de Domingo de Ramos, Quinta feira Santa, e Sexta feira de Paixão: 12.º, 300 rs.

Collecção das Manobras mais faceis e Neces-

sarias a hum corpo de Cavallaria, tiradas da combinação entre a Ordenança actualmente seguida pela Cavallaria portugueza, e a ordenança franceza; dedicada aos Officiaes da cavallaria do nosso exercito pelo *Conde da Ponte*: 4.º br. — 480 rs.

Collecção de Constituições antigas e modernas com o projecto d'outras, seguidas de um exame comparativo de todas ellas: 8.º 4 vol br. — 960 rs.

Collecção de cinco Novellas, em cada uma das quaes se não admitte uma letra vogal: 8.º br. — 360 rs.

Compendio de Alveitaria, composto em Hespanhol por *Fernando de Sande Elago*; e traduzido em Portuguez por um curioso, e zeloso da mesma Arte: 1832. 4.º — 960 rs.

Compendio de Civilidade e Urbanidade Christãa, para uso dos Meninos: br. — 30 rs.

Compendio da Historia Portugueza; por *T. A. Craveiro*, com um Appendix até á Convenção de Evora-Monte: 1833. 8.º br. — 800 rs.

Compendio de Logica, composto em Latim por *John Waker*, Presidente do collegio de Dublin, traduzido em Portuguez; 1836. 8.º br. — 200 rs.

Constituição Politica de Hespanha de 1812, traduzida em Portuguez: 120 rs.

Constituição Politica de Hespanha de 1837; traduzida em Portuguez: — 40 rs.

Constituição Politica da Monarchia Portugueza, decretada em 1822 pelas Cortes Constituintes: — 100 rs.

Constituição Politica da Monarchia Portugueza, decretada em 1838: — 100 rs.

Constituição do Paraizo Terreste, pela qual se descobrem as muitas desordens, abusos, e prejuizos que grassão em Portugal; e se apontão os remedios que parecem os mais opportunos: 2.ª edição: 1833. 4.º br. — 400 rs.

Conversa da Lealdade com a Ingratidão: 8.º br. — 120 rs.

Conversações sobre a Pintura, Esculptura, e Architectura. Escriptas, e dedicadas aos Professores, e aos Amadores das Bellas Artes: 2 vol. 8.º br. — 720 rs.

Corographia Açorica, ou Descripção phisica, politica, e historica dos Açores, por *um Cidadão Açorense*: 1822. 8.º br. — 480 rs.

Definição da mulher. Lição importante para desengano do Homem, br. — 60 rs.

Dia (O), a Madrugada, Manhã, Tarde, e Noite. Poema: em 8.º br. — 60 rs.

Dialogo Apologetico, Moral, e Critico, ordenado para instrucção do Ministro principiante: 4.º br. — 480 rs.

Diccionario Classico Historico-Geografico-Mythologico, que contém tudo o que é essencial para intelligencia dos Authores classicos; traduzido do Inglez por *Francisco de Paula Jacou*; em fol: 1816. — 2$400 rs.

Diccionario Geral da Lingua Portugueza, por tres Literatos Nacionaes. Contém mais de vinte mil termos novos, pertencentes ás Artes e Sciencias, todos tirados de Classicos Portuguezes, e ainda não incluidos em Diccionario algum até ao presente publicado; 2.ª edição: 1839 3 vol. em 8.º — 4$320 rs.

Do Coração de Jesus, ou explicação da abertura do Lado de Jesus Cristo, segundo o

Evangelho de S. João, com a Novena de Jesus Christo crucificado: 4.º br. — 400 rs.

Discurso de Mr. Hyde de Neuville, Conde da Bemposta, sobre a Questão Portugueza: em 12. br. — 100 rs.

Elementos da Riqueza Publica, por *João Lineu Jordão*; 2 ª edição: 1833. 4.º br. — 480 rs.

Elementos de Rhetorica para uso dos Alumnos do Commercio Theorico-pratico; recopilados por F. P M : 1829 8.º br. — 280 rs.

Ermenonville, ou o Tumulo de J. J. Rosseau: em 4.º — 40 rs.

Escandalosa Vida dos Papas: 4.º br — 120 rs.

Esclarecimentos de Arithmetica, referidos aos Elementos de Mr. *Bezout*, por *João Chrissostomo de Couto e Mello*: 8.º br. — 360 rs.

Estações (As) do anno Poema composto, e illustrado com algumas notas, por *Francisco Antonio Martins Bastos*; 2.ª edição: 1837. 8.º br. — 400 rs

Escola Nova Christã, e Politica, na qual se ensina os primeiros rudimentos que deve saber o menino Christão, e se lhe dão regras geraes para com facilidade, e em pouco tempo apprender a ler, escrever, e contar, por *D. Leonor T. Sousa e Silva*: 8.º — 400 rs.

Exame de Sangradores, que em forma de dialogo ensina aos Mestres o que devem perguntar, e aos discipulos o que se comprehende na arte de sangrar; por *Manoel José da Fonseca*; 4 ª edição: 8 º br. — 200 rs.

Expositor (O) Portuguez, ou rudimentos de Ensino da Lingua Materna, por *Luiz Francisco Midosi*: em 12. br — 120 rs.

Florinda, ou o Sonho Verificado: — 120 rs.

Gama. Poema Narrativo, por *José Agostinho de Macedo*: 1811. 8.° 600 rs.

Garantias dos Direitos Civís, e Políticos dos Cidadãos Portuguezes: 8.° — 20 rs

Gaticanea, ou Cruelissima Guerra entre os Cães, e os Gatos por *J. J. de C.*: 8.° — 480 rs.

Grammatica (Mestre Inglez ou) Portugueza e Ingleza, por *Joaquim Pinto da Silva Mello*: 8.° — 480 rs.

Grammatica das Linguas Portugueza e Ingleza dividida em duas partes, e adaptada ao uso dos que aprendem uma e outra Linguagem, por *L. E. Midosi*: 8.° br. — 600 rs.

Grammatica Racional da Lingoa Latina, dedicada ao Senhor D. Pedro, por *Fr. Diogo de Mello e Menezes*: 1835. 4.° — 480 rs.

Grito (O) da Verdade, consignada na Escriptura e tradição contra as Maximas Pseudo-Catholicas e Anti-sociaes, Destructivas da Doutrina de Jesus Christo, e da verdadeira disciplina da Santa Igreja, por *Luiz Marques*; 2.ª edição: 1838. 8.° br. — 360 rs.

Guia de Viajantes, ou Roteiro de Lisboa para as Cortes, e Cidades principaes da Europa, Villas, e Logares mais notaveis de Portugal, e Hespanha; reducção das moedas extrangeiras; 2.ª edição: 1833. 8.° — 360 rs.

Heroismo (O) d'Amor. Novellas de Mr. *Benneville*, traduzidas por *Bemvenuto A. C. de Campos*: 8.° 2 vol br. — 600 rs.

Historia da Donzela Theodora: 4.° — 40 rs.

Historia da Grecia Antiga, abbreviada para uso da Mocidade; traduzida do Inglez: 4.° 2 vol. br. — 1$100 rs.

Historia do Imperador Carlos Magno, e dos doze Pares de França: 4.º — 40 rs.

Historia da Imperatriz Porcina: 4.º — 40 rs.

Historia de Inglaterra, referida em conversações familiares por um Pai a seus filhos, para uso da Mocidade; por *Isabel Delme*, traduzida do Inglez em Portuguez por um *Emigrado*: 1835. 4.º br. — 800 rs.

Historia de João de Calais: 4.º — 60 rs.

Historia do Naufragio, e Captiveiro de Mr. *Brison*, com a descripção dos Desertos de Africa, desde o Senegal até Marrocos; escripta por elle mesmo, e traduzida em Portuguez; 2.ª edição: 1833. 8.º br. — 280 rs.

Historia da Princeza Magalona: 4. — 60 rs.

Historia de Roberto do Diabo: 4.º — 40 rs.

Horæ Diurnæ Breviarii Romani ex Decreto Sacrosancti Concilii Tridentini restituti, Pii V. Pont. Max. jussu editi, Clementis VIII et Urbano VIII auctoritate recogniti, in quibus ea omnia continentur, quæ præter Lectiones, et earum Responsari, adimplendam Officii matutini recitationem pertinenti: 8.º — 1$800 rs.

Hysope (O), Poema heroi-comico de *Antonio Diniz da Cruz e Silva*: em 16. br. — 200 rs.

Instrucção de Cerimonias, em que se expõe o modo de celebrar o Sacrosanto Sacrificio da Missa, assim rezada, como cantada, conforme as Rubricas do Missal Romano, e Decretos da Congregação dos Ritos: 8.º — 480 rs.

Instrucções, ou Condições dos Contractos de Seguro, para uso, e instrucção dos que se destinarem ao Commercio: 8.º br. — 60 rs.

Jardineiro (O), Anthologia, ou Tratado das Flo-

res aos amantes de jardinagem: br.—200 rs.

Juizo sobre culturas, e producção do Alemtejo, e Estremadura: em 4.º br.—240 rs.

Lara, Romance de Lord *Byron*, vertido por *T. A. Craveiro*: 1837. 8.º br. —240 rs.

Libertador)O) da Suissa, ou a vida de *Guilherme Tell*: br. — 160 rs.

Lição e Recreio, ou nova escolha de Contos Moraes, Anecdotas, Novellas, e Historietas dos melhores Authores Francezes; 2.ª edição 1833: 8.º br.—280 rs;

Neste Volume se contém as seguintes Novellas: = O pobre Cego, Anecdota Franceza = Jozefina, ou as duas viuvas, Conto Moral = Gerardina, ou os effeitos da sensualidade, Conto Moral = Emma, ou a victima da seducção, Historia verdadeira e moderna = O Orgulho confundido, Anecdota = O Cego da sanfona, ou a severidade paternal, Conto Moral = Os dous Velhacos, Anecdota = O Jogador, Novella = Varias Anecdotas, e Parabolas.

Livro de Agricultura, em que se tracta com clareza, e distincção o modo, e tempo de cultivar as terras de Pão, Vinho, Azeite, Hortaliças, e Flores dos Jardins, e Pomares de Fructa: como tambem da creação dos animaes domesticos, e da caça dos bravios: dividido em nove repartimentos, por *J. A. Garrido*: 1837. 8.º br.—240 rs.

Livro do Infante D. Pedro de Portugal, o qual andou as sete Partidas do Mundo: —40 rs.

Madrugada Brilhante. Discursos Philosophicos, Moraes, e Rhetoricos para uso dos discipulos do Commercio Theorico-Pratico; por *F. P. Murta*; 2.ª edição: 8.º br.—160 rs.

Magnum Lexicon, Latinum, et Lusitanum: 1 vol em fol —2$000 rs.

Malicia das Mulheres: 4.º — 30 rs.

Manifesto da Nação Hespanhola á Europa: 1800. 8.° br. — 60 rs.

Manifesto de Napoleon, vindo da Ilha de Santa Helena, por um modo desconhecido: 8.° br. — 240 rs.

Manual Devoto para assistir á Missa, accrescentado com os dous Officios de N. Senhora, e de S. José, e varias Orações: — 80 rs.

Manual da Missa, e varias Orações: — 120 rs.

Manual de Piedosas Meditações, aonde não só se manifesta a necessidade que todos temos de praticar a Oração mental, e o modo para fazer os Exercicios espirituaes, mas tambem como se hão de praticar todas as virtudes; trad. do Castelhano: em 4.° — 1 $ 200 rs.

Manual da Religião Christã, e Legislação criminal Portugueza, ou Codigo da Mocidade. Dividido em dez Lições, — 120 rs.

Medicina Curativa, ou o methodo purgante, dirigido contra a causa das enfermidades, e analisado nesta Obra por *Le Roy*, Cirurgião Consultante; trad. do Francez; 2.ª edição: 1830. 8.° br. — 600 rs., e encadernada 760 rs.

A Arte de curar he dirigida por este methodo a um só, e unico principio, que a natureza parece ter revelado.

E' *Pelgas*, antigo mestre de Cirurgia, e que no espaço de 40 annos se applicou todo á pratica de sua arte, que se póde olhar incontestavelmente como o author da descoberta da *Causa* das molestias.

E' elle o primeiro que reconheceu os meios mais promptos, e mais efficazes para destruil-las, qualquer que fosse o seu caracter, ou denominação, e para prevenir as molestias, objecto principal do cuidado do Medicó, que ajunta á probidade a sciencia da sua profissão.

E' tambem a este pratico que se deve a solução dos problemas os mais importantes, e os mais complicados sobre o objecto, modo de obrar, e effeitos dos purgantes ignorados até então.

Eu, genro deste pratico, tenho adoptado as verdades, que elle publicou; e julguei dever dar á sua descoberta toda a clareza, de que era susceptivel. Estabelecendo um methodo sobre seus principios, procurei pô-lo ao alcance de todos os enfermos, e tornal-o tão simples, e claro, que qualquer que saiba lêr o podesse comprehender, e prodigalisar os seus beneficios aos seus semelhantes.

A experiencia, que tenho alcançado, é o seguro garante de tudo o que se encerra nesta Obra. Quasi trinta annos da minha propria pratica, que succederam á de meu predecessor, as poderiam confirmar, se disso precisassem. Os factos os mais incontestaveis, certificados pela voz publica, e demonstram todos os dias aos incredulos, e aos que o não são.

Memoria Historica e Analytica sobre a Companhia das Vinhas do Alto Douro: por *A. L. B. F. T. Girão*: 1834. 4.º br.—600 rs.

Memorias sobre os pesos e medidas de Portugal, sua origem, antiguidade, denominação, e mudanças que tem soffrido até nossos dias; bem como a refórma que devem ter, por *A. L. B. F. T. Girão*: fol. br.—480 rs.

Memoria Historica da Enfermidade, Procissões de Preces com devotissimas Imagens, Morte, e Funeral do Senhor D. João VI; por *Fr. Claudio da Conceição*: 1826. 8.º br —240 rs.

Memorial aos habitantes da Europa sobre a iniquidade do Commercio da Escravatura, publicado pela Sociedade de Amigos, chamados Quakers: 8.º br. — 40 rs.

Não ha felicidade perfeita: Conto de *Madame de Aulnoy*: 8.º br. — 120 rs.

Noite de Inverno divertida, ou Variedades Jocosas; em differentes Peças juntas, por *José Daniel R. da C.*: 1837. 8.º br.—400 rs.

Noites do Barracão, passadas pelos Emigrados

Portuguezes em Inglaterra: em 18.—120 rs.

Novo Testamento de Jesu Christo, traduzido em Portuguez, segundo a Vulgata, por *Antonio Pereira de Figueiredo*: 8.º—480 rs.

Numeros certos para formar as combinações de Cambios entre Lisboa, e diversas Praças da Europa: br. — 120 rs.

Obras de S. Thereza de Jesus (comprehendendo tambem a sua Vida), traduzidas em Portuguez por Fr. João da Cruz; em 4.º 2 vol. 1826 — 32, — 1:440 rs.

Orgulho (O) confundido, Anecdota—O Cego da Sanfona, ou a Severidade Paternal, Conto moral — Os dous Velhacos, Anecdota: 1837. 8.º br. — 80 rs.

Orações de Roma. br. 20 rs.

Panegirico de Sua Magestade I. e R. o Senhor D. João VI: 4.º — 60 rs.

Pão e Touros, ou Oração apologetica, que em defeza do estado florescente de Hespanha pronunciou no anno de 1820, *D. Gaspar Melchior de Jovellanos*. Versão do Hespanhol, e enriquecida com annotações do Traductor: 4.º br. — 160 rs.

Passa-tempo honesto de Enigmas, e Adivinhações, por *Francisco Lopes*. 12. br. —160 rs.

Passeio (O), Poema descriptivo, de *José Maria da Costa e Silva*; 12. 1817. — 400 rs.

Passeios instructivos, ou Lições Elementares de Mineralogia, Botanica, e Chimica; para uso das Escólas: 2 vol. 8.º br. — 480 rs.

Peculio de Autos, e Termos Civis, e Crimes; formalidade de se extrahirem do Processo, Sentenças, Cartas, e quaesquer outros Titulos Judiciaes, organisação dos Autos em

Acção Civil ordinaria, e em Livramentos crimes, para ensaio dos Escrivães, e Procuradores: 4.º br. — 480 rs.

Pharmacopeia Geral para o Reino, e dominios de Portugal. 4.º, 2 Tomos em 1 vol. — 1800 rs.

Pequeno (O) Buffon, ou Thesouro de Meninos, traduzido do Francez por *D. L.*.. Enriquecido com vinte e duas Estampas: 1834. 8º, br. — 480 rs.

Pequeno (O) Lavater, ou Arte Fysionomica: br. — 100 rs.

Perfeito (O) Caudel, Arte de estabelecer, e conservar huma Caudalaria perfeita, e demonstração Anatomica da Organização, e Formação do Corpo do Cavallo; por *Fortunato dos Santos Banha*: 8.º 300 rs.

Pesca (A), Poema, por *Francisco Antonio Martins Bastos*. 2.ª edição: 1837. 8.º br. — 200 rs.

Poema, que ao Illustrissimo Senhor *Manoel Paes de Aragão Trigoso*, Vice-Reitor da Universidade, D. O. C. *Ovidio Saraiva*: 8.º br. — 400 rs.

Poesias Ternas e Amorosas, offerecidas a huma Senhora Segunda Edição 16.º br. 120 rs.

Portugal enfermo por vicios e abusos de ambos os sexos, por *José Daniel*: 8.º br. — 360 rs.

Pregoeiro da Verdade por um Padre Constitucional: 4.º 60 rs.

Portuguezes (Os) e os Factos, Exposição Historico-Chronologica, por *um Portuguez*: 1833. 4.º br. — 960 rs.

Problema Politico. Os grandes Potentados da Europa farão causa commum com o Imperador do Brasil para declararem guerra a Portugal?!! 8.º br. — 40 rs.

Problema resolvido. Se os Corpos regulares devem totalmente supprimir-se, ou conservar-se. Conclue com outro das promoções para a Tropa: 4.º br. — 120 rs.

Promptuario Arithmetico para uso dos Lavradores, Negociantes de Vinhos, e Aguas ardentes, Vinagres, e Azeites: br.—160 rs.

Promptuario Mercantil para uso dos Feirantes; aonde se acha facilmente qualquer somma de compra ou venda; 2.ª ediç.: 1840. br.—200.

Razão (A) Desagravada, e a sem razão confundida, pelo author da razão, e nada mais. 4.º 80 rs.

René, Romance Sentimental por M. Chateaubriand, Traduzido em Portuguez por E. H. C. 8.º br. 120 rs.

Resposta que deu um Religioso Capuchinho aos dous Problemas politicos, que á sua ponderação offereceu a Junta Preparatoria de Cortes, a 12 de Outubro de 1820: 4.º—60 rs.

Rimas de *J. Sabino dos S. R.*, dedicadas á Gratidão: 8.º br. — 320 rs.

Saudosa Declamação, consagrada á memoria de D. José I., por *D. P. de S. e S.*: 8.º br. — 60 rs.

Sciencia (A) do bom homem Ricardo, ou a maneira de ser feliz em todos os estados da vida: 1832. 16. br. — 40 rs.

Segredos da Natureza. Contem cinco differentes tratados: o 1.º tracta da Fysionomia natural do Homem: o 2.º das excellencias do Alecrim: o 3.º das propriedades da Agua ardente: o 4.º dos Segredos da Natureza, e seus maravilhosos effeitos: o 5.º da Região Elementar, e Celeste, e outras notaveis

cousas de grande utilidade; por *Jeronimo Cortez*; Nova edição: 1831. 8.º br.—320 rs.

Setenario das Dores de Nossa Senhora:—60 rs.

Superstições descobertas, Verdades declaradas, e Desenganos a toda a gente. Terceira edição, augmentada com o ajuste de contas com a Corte de Roma: 1833. 8.º br. — 400 rs.

Systema de Instrucção para a Infanteria Ligeira, offerecido aos novos Officiaes do Exercito, por *Bernardo Antonio Zagalo*, 4.º br. 480 rs.

Systema de Instrucção para a Infanteria, offerecido aos novos Officiaes do exercito, por *Berdardo Antonio Zagalo*, 4.º br. 1200 rs.

Taboadas da reducção:—dinheiro de papel reduzido a dinheiro de metal, papel reduzido a porções iguaes de metal a papel; Arbitrios, e Uso das Letras de Cambios:—80.

Thesouro descuberto; Luzes Elementares de gica; Theorica Pratica Mercantil: por *F. P. Murta*. 8.º br. —280 rs.

Tractado da Orthografia Portugueza com importantissimo auxilio para os que não frequentárão os estudos. 2.ª Edição. 1835. 8.º br. — 120 rs.

Tractado do Jogo do Voltarete, ou resumo das Leis do dito Jogo; augmentado com o grande Voltarete: em 8.º br. — 60 rs.

Tratado do Jogo do Whist: 8.º br. — 120 rs.

Tractado sobre o modo de crear os Passaros Canarios, Maneira de os casar para tirar formosa casta delles, por M. *Hervieux*, e agora traduzido em Portuguez: 8.º br. — 120 rs.

Tratado para a boa Educação dos Meninos e meninas no qual se ensinão as regras pa-

ra que sejão bons Filhos, bons Paiz, e bons Cidadãos, 8.º 480 rs.

Triumfo da Virtude, novella: 8.º br.—120 rs.

Ullissea, ou Lisboa Edificada, Poema Heroico, comp. por *Gabriel P. de Castro*: br.—240 rs.

Verdade Escondida, e em triumfo: por *Aonio*, Cidadão Camponio: 4.º br. — 60 rs.

Viagens de Gibraltar a Tangere, Salé, Mogador, Santa Cruz Tarudante, Monte Atlas, e Marrocos; compostas em Inglez, trasladadas em vulgar, e illustradas com Notas, por *Neves Sampaio*: em 8.º — 480 rs.

Viagem de um Peregrino a Jerusalem; e visita que fez aos Logares Santos, em 1817, Fr. *João de Jesus Christo*: 4.ª edição mais accrescentada: 1837. 4.º — 660 rs.

Vida Christã para exercicio de Leitura corrente nas Escolas de Ensino Mutuo: 120 rs.

Vida de Jesus Chisto conforme os quatro Evangelistas; posta em Portuguez pelo Padre *Francisco Manoel do Nascimento* — 600 rs.

Vida e Amores do Grande Philosopho Abeilard, e de sua esposa Eloiza: br.—100 rs.

Vida e feitos de El-Rei D. Manoel: 12 livros, por *Jeronimo Usorio*, Bispo de Silves, vertidos em Portuguez pelo Padre *Francisco Manoel do Nascimento*: 8.º 3 vol.—2$400 rs.

Vida do General Mina, por elle mesmo escripta, e publicada em Inglaterra: br.—80 rs.

Vigario (O) de Wakefield, de *Goldsimith*; trad. em Port.: 1830. 2 vol. br. — 600 rs

Zargueida. Descobrimento da Ilha da Madeira. Poema Heroico por *Francisco de Paula Medina e Vasconcellos*: 8.º br. — 480 rs.

OBRAS MARITIMAS.

Compendio das correcções que se devem fazer ás alturas dos Astros, observadas para poderem ser empregadas nos calculos da latitude, da longitude, da hora, e do azimuth; por *J. M. da Mata*; 4.ª edigão: 4.º—300 rs.

Destro (O) Observador, ou Methodo facil de saber a latitude no mar, sem dependencia da observação meridiana, com todas as Taboas necessarias para a operação, sendo a da declinação do Sol calculada ao Meridiano de Lisboa; por *José Militão da Mata*: 2.ª edição: 4.º br. — 1:200 rs.

Guia dos Navegantes, que contém os rumos da agulha, e distancias de lugar a lugar em leguas de vinte ao gráo, para as principaes costas da Europa, Africa, America, Açores, e Cabo Verde. Segunda Edição: 8.º br. — 300 rs.

Manobreiro (O), ou Ensaio sobre a theorica, e a pratica dos movimentos do Navio, e das evoluções navaes, por M. *Bourdé de Villehuet*, traduzido e augmentado de algumas notas, commentos, definições, e regras geraes, por *J. M. do Couto*: 4.º br.— 1200 rs.

Taboa das Latitudes, e Longitudes dos principaes Lugares Maritimos da Terra, por *J. M. da Mata*; 4.ª edição: 4.º br. — 160 rs.

Taboas de Reducção para conhecer a differença da latitude, e apartamento do meridiano, em qualquer derrota, calculadas para

todas as distancias, desde uma milha até trezentas e sessenta, por *J. M. da M.*: 2.ª edição: 4.º — 800 rs.

Taboas dos Logarithmos dos Senos, e Tangentes de todos os gráos, e minutos do Quadrante, e dos Numeros Naturaes desde 1 até 10800. 4.º 960 rs.

Tractado de Navegar, ou esclarecimentos precisos em caso de duvida: muito util aos Navegantes, e com particularidade para os principiantes, que se dedicão á Marinha, e Pilotagem: por *Antonio Gregorio de Freitas*: 1823. 4.º br. — 600 rs.

Tractado Pratico das Manobras dos Navios, em que se ensina o modo de dar-lhes todos os movimentos por meio do leme, velas, e vento: 8.º — 480 rs.

THEATRO.

Acto de Santa Catharina: 4.º — 60 rs.

Acto de Santa Genoveva: 4.º — 40 rs.

Acto de Santo Aleixo: 4.º — 40 rs.

Alardo (O) na Aldeia; Farça: 30 rs.

Ambição (A). Tragedia, por *Francisco d' Alpuim de Menezes*: 1823. 8.º br — 240 rs.

Amizade, Rectidão, e Constancia; Comedia em verso dramatico, composta em Portuguez por *José Joaquim Bordalo*: 8.º br. — 160 rs.

Amor (O) do Patriotismo, ou os Tirolezes; Comedia: 4.º — 100 rs.

Antes a filha que o Vinho; Farça: 8.º br. — 80 rs.

Aprendiz (O) de Ladrão; Farça: 8.º br. — 80 rs.

Arte de Tourear, ou o filho Cavalleiro; Farça: — 30 rs.

Aspacia na Syria; Comedia: 4.º — 80 rs.

Astucias de Falcete; Farça: 4.º — 60 rs.

Astucias de Zanguizarra; Farça: 4.º — 100 rs.

Beato (O) ardiloso; Farça: 4.º — 60 rs.

Bruto, Tragedia de *Voltaire*, traduzida em Versos Portuguezes: em 8.º br. — 160 rs.

Cahe no logro o mais esperto; Farça: 4.º — 60 rs.

Casa (A) de Pasto; Farça: — 60 rs.

Chaile (O), Drama: 4.º — 60 rs.

Chocalho dos annos de D. Lesma; Farça: 30 rs.

Christierno, Rei de Dinamarca, viajando incognito pelos seus Estados, ou a constancia e heroismo de huma mulher; Drama em 3 actos, por *Luiz José Baiardo*: 1841. 8.º br. — 160 rs.

Convidado (O) de Pedra, ou D. João Tenorio, o Dissoluto; Comedia: 4.º — 60 rs.

Correcção (A) das Vaidosas; Farça: — 60 rs.

Creada (A) Ladina; Farça; — 80 rs.

Desterrado (O), ou o Militar Perseguido: — 160

Disparates da Loucura na Enfermaria dos Doudos; Farça: — 80 rs.

Doudos (Os), ou o Doudo por Amor, Farça, por *Antonio Xavier d' Azevedo*. A mesma que se tem representado nos Theatros da Rua dos Condes, e Salitre: 1839. 8.º br. — 80 rs.

Doutor (O) Sovina; Farça: 4.º — 30 rs.

D. Ignez de Castro, Tragedia: 4.º — 60 rs.

D. João de Alvarado, o Creado de si mesmo; Comedia: 4.º — 80 rs.

D. Pedro no Porto, ou o Heroismo de Poucos, Drama em 5 actos, de *Rodrigo de Azevedo Sousa da Camara*: 1841. 8.º br. — 140 rs.

Elogio Dramatico para se representar no Anniversario de S. M. F., a Senhora D. MARIA II: 8.º — 40 rs.

Emira em Suza a fugir á tyrannia para imitar a Clemencia; Comedia: 4.º — 80 rs.

Encantos de Escapim em Argel; Farça: — 30 rs.

Ericia, ou a Vestal, Tragedia de Mr *Arnaud*, traduzida por *Bocage*: 8.º br. — 120 rs.

Estalajadeiro (O) de Milão; Drama: 4.º 100 rs.

Eufemia, ou o Triumfo da Religião, Drama de Mr. *Arnaud*, traduzido em Versos Portuguezes por *Bocage*: 8.º br. — 160 rs.

Ezio em Roma; Comedia: 4.º — 100 rs.

Festim (O), ou a Mulher Extravagante; Comedia: 8.º br. — 160 rs.

Gallego (O) lorpa, e os Tolineiros; Farça: 30 rs.

Galucho (O), ou o Amor e Gloria; Farça: 8.º br. — 120 rs.

Gato por Lebre; Farça: 4.º — 60 rs.

Heraclio Reconhecido; Tragedia: 4.º — 80 rs.

Hariadan Barba-Roxa, Drama em 3 actos, traduzido livremente por *Luiz José Baiardo*, 1839. 8.º br. — 120 rs.

Imperador (O) José II, visitando os Carceres de Alemanha; Drama: 8.º br. — 240 rs.

Industrias contra Finezas: Comedia: 8.º br. — 160 rs.

Infelizes (Os) de Londres; Drama: 4.º 60 rs.

Ir buscar lã, e vir tosqueado, ou os Livreiros maniacos; Farça: — 60 rs.

Jesualdo, Tragedia composta em Versos Portuguezes por *J. J. Bordalo*: 8.º br. — 200 rs.

Leonide; Comedia: 4.º — 100 rs.

Luvas (As) Amarellas; Comedia em 1 acto, imitada do Francez de Mr. *Baiard*, por *Luiz José Baiardo*: 8.º br — 120 rs.

Machabeos (Os), Tragedia de Mr. *Houdar de La Mothe*, traduzida em Verso Portuguez por *João Baptista Gomes*: 8.º br. — 200 rs.

Mais (O) Heroico Segredo, ou Artaxerxes; Comedia: 4.º — 80 rs.

Manoel Mendes; Farça: — 60 rs.

Marquez de Mantua; Tragedia: — 40 rs.

Marquez (O) de Pompal, (Sebastião José de Carvalho), ou o Terremoto de 1755. Drama Original em 3 épocas, e 7 quadros; por *Luiz José Baiardo*: 1839 8.º br. — 160 rs.

Medico (O) Fingido, e a Doente Namorada; Farça: 4.º — 60 rs.

Mèrope, Tragedia de Mr. *Voltaire*, vertida em Versos Portug. por *T. A. Craveiro*: — 240 rs.

Mestres (Os) Charlatões, ou o Poeta esquentado; Farça: 4.º — 80 rs.

Ministro (O) Constitucional, Drama em 5 actos: br. — 160 rs.

Monologo para se recitar nos Theatros: 8.º 20 rs.

Nova Castro, Tragedia, por *João Baptista Gomes Junior*, 7.ª edição correcta, e augmentada com a Scena da Coroação, por *José Maria da Costa e Silva*: 1837. 8.º br. — 120 rs.

Optima receita com que o marido curou os maleficios de sua mulher; Farça: — 60 rs.

Orestes, Tragedia de *Victorio Alfieri d'Asti*; Tragedia em verso Portug.: 8.º br. — 160 rs.

Pedro Grande, ou a Escrava de Mariamburgo na Russia, por *A. X. F. d'Azevedo*: — 160 rs.

Plano (O) Malogrado; Farça: 4.º — 80 rs.

Saloio (O) Cidadão; Comedia: 4.º — 60 rs.

Sem-cerimonia (A) com que os homens enganão as raparigas; Farça: — 30 rs.

Somnambula (A), Drama em 2 actos por *M. Scripe e Melesville*: 4.º br. — 80 rs.

Traficante (O), ou o Retrato de muitos homens; Farça: — 60 rs.

Vaidade castigada; Farça: 8.º br. — 60 rs.

Velha (A) Garrida; Farça: — 30 rs.

Velhice (A) Namorada; Farça: — 30 rs.

Velho (O) Namorado impertinente, e enganado; Farça: — 30 rs.

Velho (O) Perseguido; Farça: 8.º br. — 80 rs.

Vinda inopinada; Comedia: — 80 rs.

Collecção de novas Modinhas, para honesta recreação das Damas e apaixonados do armoniozo Canto: 8.º br. — 120 rs.

LEIS.

Collecção completa de Legislação, (á qual se ajuntárão os Editaes da Administração Geral, Camara Municipal Commissariado, Alfandegas, Tribunal do Commercio, Estatutos de Companhias Mercantis, e Commerciaes, Ordens Geraes do Exercito,) promulgada depois da Abertura das Côrtes Geraes em 15 de Agosto de 1834, até Dezembro de 1840, em fol. br. 11$920 rs.

A mesma em formato de 8.° br. 11$920 rs.

Tambem se vende em cadernos separados, tanto em Folio, como em 8.° da forma seguinte:

1834.

1 Caderno desde a abertura das Côrtes em 15 de Agosto até 31 de Dezembro: — 240 rs.

1835.

1 do 1.° de Janeiro a 20 de Maio: — 360 rs.
1 de 21 de Maio a 22 de Junho: — 120 rs.
1 de 3 de Julho a 24 de Agosto: — 400 rs.
1 de 28 de Agosto a 29 de Outubro: — 400 rs.
1 de 29 de Outubro a 31 de Dezembro: — 400 rs.

1836.		1838.	
1.° Trimestre:	= 320	1.° Trimestre:	= 400
2.° Trimestre:	= 400	2.° Trimestre:	= 800
3.° Trimestre:	= 360	3.° Trimestre:	= 400
4.° Trimestre:	= 1440	4.° Trimestre:	= 240
1837.		1839.	
1.° Trimestre:	= 1320	1.° Trimestre:	= 240
2.° Trimestre:	= 400	2.° Trimestre:	= 360
3.° Trimestre:	= 400	3.° Trimestre:	= 720
4.° Trimestre:	= 400	4.° Trimestre:	= 400
1840.			
1.° Trimestre:	= 240	3.° Trimestre:	= 240
2.° Trimestre:	= 400	4.° Trimestre:	= 600

Ficão-se imprimindo as de 1841.

LISBOA: 1841. Na Ty. de A. S. Coelho.

Rua do Outeiro ao Loreto n.° 4. — 1.° andar.